D. Thomaz d'Almeida Manoel de Vilhena

Marqueza de Verride

COMEDIA-DRAMA EM 4 ACTOS

LISBOA
1895

MARQUEZA DE VERRIDE

D. Thomaz d'Almeida Manoel de Vilhena

Marqueza de Verride

COMEDIA-DRAMA EM 4 ACTOS

LISBOA
1895

PESSOAS

D. Rachel Mattos do Carmo, 12.ª condessa e 1.ª marqueza de Verride — *33 annos; alta, esbelta, elegante, olhos negros brilhantes, cabello negro, olheiras profundas; tem um tic palpebral bastante frequente; nariz afilado, faces um pouco encovadas, dentes muito brancos, labios desbotados, mãos volumosas de unhas largas, muito roidas; veste com esmero.*

D. Maria da Assumpção Vasques de Azevedo, 11.ª condessa de Verride — *68 annos; rosto macerado, cabello quasi branco, penteado em bandós; bastante alquebrada; veste de preto com simplicidade; sempre muito abafada n'um chaile-manta e usa invariavelmente uma touca de rendas negras; modos verdadeiramente fidalgos, d'uma amabilidade captivante; uma expressão de bondade e de resignação que desde logo impõe sympathia e respeito.*

D. Maria Vasques de Lyra — *16 annos; uma figurinha pequenina, debil; muito loura, pallida, olhos azues, maneiras singelas e comedidas, um ar de pureza encantador; um olhar doce, meigo, onde brilha intelligencia; e a despeito da sua modestia e quasi timidez, advinha-se n'ella um caracter firme.*

Viscondessa de Alcoutim — *36 annos; elegante bem apessoada, um pouco pretenciosa e affectada.*

D. Joanna de Mello Vasques da Silva — *59 annos; baixa, magrissima, corcovada, usa chinó tem o queixo longo e os poucos dentes que lhe restam, apresentam-se vacillantes e escuros; é mal entrouxada, friorenta e acaturrada.*

D. José Vasques de Lyra, 12.º conde e 1.º marquez de Verride — *40 annos; mais baixo do que alto, quasi obeso, cabello apartado no meio, um nariz avantajado e orelhas grandes, olhar sensual; um sorriso de futil a tremer-lhe sempre nos beiços;*

nota-se-lhe que consagra sisudas e constantes attenções ao penteado, ao fato, ao calçado e a uma duzia de anneis de preço que se lhe enroscam em quasi todos os dedos, e egual esmero dispensa á barba negra, já salpicada de algum fio branco, que usa aparada á Guize. Vê-se que é homem de boa sociedade, a despeito de certa affectação e pose um pouco estudada.

D. Alvaro Vasques de Lyra — *70 annos; alto, secco, ainda agil e vigoroso; tem uma calva ampla, emmoldurada em cabellos brancos, cortados á escovinha; uma respeitavel barba nevada que lhe desce até ao peito; o seu aspecto é imponente, infunde respeito e sympathia; o olhar ainda scintilante é repassado de bondade, mas revela firmeza e energia; tem a linha de um verdadeiro fidalgo; veste de negro com severidade; colarinhos altos, gravata de sêda preta á moda de 1830, e na botoeira da comprida sobrecasaca, rebrilha, segura por uma estreita fita preta, a cruzinha branca, da ordem de Malta.*

D. Jayme Vasques de Mendonça — *20 annos; elegante e bem apessoado ainda que um pouco acanhado e talvez timido: olhar intelligente e bom; um tudo nada melancolico.*

O conego Paulo Ventura de Santa Maria-Apolinaria — *60 annos; homem de boa estatura, reforçado e sadio; cara larga, avermelhada e muito bem barbeada; cabello grisalho cortado á escovinha; traja com esmero e seriedade, sobrecasaca ampla que lhe desce até aos joelhos, ostenta o cabeção encarnado, distinctivo da sua dignidade ecclesiastica, no quarto dedo da mão esquerda refulge a formidavel ametista do annel; seu porte é grave, suas maneiras talvez demasiadamente solemnes e pausadas.*

D. Isidoro Maria da Conceição Vasques da Silva — *65 annos; pequenino, magrinho, usa chinó, barba rapada; não póde pronunciar o* **r** *e substitue-o pelo* **g** *ou por* **gue;** *o seu trage pretencioso e seus modos requebrados, recordam o casquilho romantico de 1830, cujo figurino tem adoptado toda a vida.*

O caturra Bento da Soledade Antonio — *63 annos; carão largo, sem barba, olhos pequenos, velhacos, um formidavel nariz de papagaio, um chinó desmazelado, mal entrajado, traz o fato todo pingado de nodoas, sapatos rotos, maneiras de sachristão afeminado, e muito mesureiro. É quasi anão, é barrigudo e tem as pernas tortas.*

O capitão convencionado Julio Marques d'Abreu Tello — *73 annos; alquebrado, coxo, calvo, cabello branco, bigode farto e pera comprida; aspecto de velho soldado; veste de negro, pobremente, porém com aceio.*

Dr. Menezes — *50 annos.*

José Francisco — *68 annos; magro, alto, um pouco dobrado, cara rapada, cabellos brancos penteados na preoccupação de disfarçar a calva; modos respeitosos, vagaroso e solemne; veste casaca e calças pretas e colete branco; no peitilho da camisa figuram tres botões de pedra azul, engastada em ouro falso; usa cadeia de relogio do mesmo metal, muito grossa, com muitos breloques, e enfeita o indicador da mão direita, com um imponente cachucho de prata lavrada e um outro annel de coralina.*

Um criado.

A acção passa-se no velho solar dos Lyras, marquezes de Verride e senhores de Reguengos, situado no largo dos Loyos, em Lisboa, no anno de 1870.

MARQUEZA DE VERRIDE

D. ALVARO

Minha senhora. *(Beija a mão da condessa, em seguida, maneando a cabeça, a sorrir, para Bento.)* Cachorro, juro-te que não apanhas nem mais um tento á tua victima.

BENTO

Non jures in vano per illo.

D. ALVARO

Vá de retro, com o seu mascavado latinorio, terrivel maganão.

BENTO

Bom, principia o menino a caturrar.

CONDESSA

O Jayme?

D. ALVARO

Deve vir logo. Mas, continuem a sua partida.

BENTO

Vamos, vamos.

CONDESSA

Com respeito ao concurso, sabe alguma coisa?

D. ALVARO

Deve ser publicado hoje o resultado. Elle logo nos informará.

CONDESSA

Palpita-lhe?

D. ALVARO

O meu Jayme não estudou sobre o joelho, preparou-se seriamente.

BENTO

E Deus Nosso Senhor enriqueceu-o com um grande talento.

D. ALVARO

Todavia os concursos... Detesto todos estes complicados processos de governação, de 34 para cá.

BENTO

Aqui d'el-rei! Se elle desata a gritar contra os *malhados*, temos sermão para toda a tarde.

D. ALVARO

Chut!

BENTO

Sou muito liberal, tenho n'isso muita honra.

D. ALVARO

Adeus meu amigo. *(N'outro tom.)* Ó mana Maria, cuidado com a clareza!

CONDESSA

Uma despachadeira assim!

BENTO

Os mirones são de pedra.

CONDESSA *(Retirando a carta que havia jogado.)* Espera, espera.

BENTO *(Impacientado.)*

Sr.ª condessa, faça favor, essa carta está jogada.

CONDESSA

Não está, não está.

BENTO

Protesto. Isso é uma trapaça.

D. ALVARO

Que tal está o badameco!

BENTO *(Fulo)*

Ba...dameco! *(Arremessa com as cartas para cima da meza.)* Não jogo mais.

(D. Alvaro e a condessa riem perdidamente.)

CONDESSA

Gosto immenso de o ver assim. Descompõe-me Bentinho, ralha comigo.

BENTO

Bem merecia uma valente descompostura. Parece mesmo uma condeça de queijadas da Sapa. Não tem vergonha.

CONDESSA *(Rindo sempre.)*

Bento! Bento!

BENTO

Trapaceira, trapaceira!

D. ALVARO *(Radiante, esfregando as mãos, deliciado na caturreira)*

Está divino! *(Enthusiasmado.)* Lindo Bento! É de se morrer por elle!

BENTO *(Subitamente presenteiro, roendo as unhas e achando muita graça á sua pessoa.)*

A sr.ª condessa de Amares, que Deus haja, tambem apreciava muito os meus ralhos; fazia-lhe momices, caretas, e ella ria, ria, coitadita!

CONDESSA

A tia Amares tinha costella Marialva, se não havia de gostar de caturreira!

BENTO *(Influidissimo.)*

Olhe sr. D. Alvaro: seu tio, monsenhor D. Aleixo, dava-me meio tostão em prata, por cada nome feio que eu lhe chamasse. *(Com ar hypocrita.)* Era uma pessoa tão respeitavel!

D. ALVARO

Quem vieste lembrar! O tio Aleixo, menina! Optimo! Saltava para cima de bancos e mezas, com medo dos ratos e das centopeas!

CONDESSA

Que saudade!.. E trazia as algibeiras atulhadas de con-

feitos, de rebuçados de alteia, de mistura com os lenços e o rapé. Deus o tenha em sua santa gloria. Excellente pessoa, coitadinho.

BENTO *(Solemnemente.)*

Muito meu amigo.

D. ALVARO

Estava-lhe caindo.

CONDESSA

Tenho rido demais. *(Vendo o relogio.)* Tres horas. Estou fraca.

BENTO *(Arremedando a condessa.)*

Estou fraca, estou fraca... Parece uma gallinha da India.

CONDESSA

Pois sr. Bento, faça favor, diga ao José Francisco que traga para aqui o meu caldo e uns biscoitos. O mano não quer lanchar?

D. ALVARO

Muito obrigado.

BENTO

Vou cumprir as ordens de V. Ex.ª, minha fidalga. *(Sae.)*

CONDESSA

Vae.

SCENA III

CONDESSA E D. ALVARO

D. ALVARO

Caturra.

CONDESSA

Pobre Bento! distrahe-me immenso, coitado! Faz-me a maior conta. Ora veja, hoje por exemplo: o José e a Rachel sairam — tambem quando ficam em casa não aproveito muito mais a sua companhia — a minha Maria, querida neta da minha alma, é um anjo, morre por mim, mas não póde passar o dia inteiro a entreter uma pobre velha rabugenta, e eu pre-

ciso que me ajudem a entreter; nunca soube divertir-me sósinha. Ella tem de estudar o seu piano, está aprendendo allemão. Vamos, Deus louvado! já a tiraram do collegio. Sete annos! sete annos de Salezias... Collegio de dentro para meninas não me agrada; demais sendo filha unica.

D. ALVARO

Diz muito bem

CONDESSA

A Rachel é tão secca para com a pobre pequena!

D. ALVARO

Valha-nos Deus!

CONDESSA

Que seria de mim, menino, se não fôra o Bento e a partidinha de cassino! A vista está cançada para leituras, mal posso andar. Gostava tanto de saír para as minhas devoções! Os divertimentos deixei-os ha muito, não me fazem falta, mas as minhas devoções...

D. ALVARO

Coitada!

CONDESSA

Não gosto de pedir a carruagem á Rachel... sim... receio sempre... incommodal-a... Ai! a terrivel gota!

D. ALVARO

Tenha paciencia, minha menina, é doença fidalga e de familia, sua mãe, sua avó...

CONDESSA

E a tia Quiteria, e a tia Annunciação, e o visavô marquez, e o tio principal... Ai! ai! O peor é que não posso ouvir a minha missa todos os dias, como acontecia n'outros tempos.

D. ALVARO

Deus lhe levará...

CONDESSA *(Atalhando com dolorosa intimativa.)*

Não me conformo que não haja missa n'esta casa. Sempre tivemos missa e capellão de portas a dentro, mesmo em tempos muito difficultosos.

D. ALVARO

É verdade.

CONDESSA

A Rachel, coitada, estreou a sua governincha, despedindo o capellão. Que escrupulo! Deus lhe perdoe. Embirra com os padres. Valha-nos Deus. Em outros tempos a nossa casa, era muito frequentada pelo clero e pelos senhores bispos; agora resta-nos o conego Ventura e esse toleram-n'o, porque foi mestre do José. O meu filho ainda não visitou o sr. nuncio, nem este senhor patriarcha! Ella não lhe dá licença. É uma vergonha! Quando vejo qualquer d'esses senhores, fujo, fallece-me o animo para lhes dar mais desculpas da descortezia do sr. marquez de Verride! Paciencia.

D. ALVARO

Josésinho é muito brando... muito...

CONDESSA

Pobre filho! Bem pouco feliz tem sido. Em pequeno sempre doente, mal se podia puchar por elle, obrigal-o a estudar. Depois... este casamento. O coração não me enganou. Ai! ai!... A Rachel é autoritaria, muito senhora do seu nariz. Não direi que seja má pessoa, Deus me defenda; porém, recebeu uma educação descuidada, livre talvez, e a respeito de religião .. *(Maneia tristemente a cabeça, suspira.)* Passo a vida a rezar por ambos.

D. ALVARO

Eu previ tudo e a tempo disse o que me cumpria dizer a meu irmão. Que saudades, menina! O nosso querido Vasco! Santo homem!

CONDESSA

Adorado esposo! Depois que o perdi...

D. ALVARO

Pobre Vasco! Que saudade! *(N'outro tom.)* Uma bella manhã...— estou vendo a scena, minha rica menina e já lá vão desoito annos! — Uma bella manhã, entra-me meu irmão pela porta dentro, atarantado, nervoso Eu conhecia-o como aos meus dedos, achei-lhe cara de caso, de caso grave. Mau. —O menino por aqui a estas horas ?—costumava levantar-se tardissimo — madrugou, hein? —«É verdade.» — Que temos então? — «Venho participar-lhe o casamento de meu filho.» — Bravo! É uma verdadeira surpreza! — Não sei porquê, palpitou-me logo sensaboria. — E a noiva? quem é a noiva? — «A noiva é a sr.ª D. Rachel Mattos do Carmo, filha do conde do Ramalhal.» — Não me contive, este meu genio exaltado... dei um pulo e gritei-lhe: esse conde não foi nem é casado, esse conde é um devasso, um ebrio, é um conde de *ki ki ri ki*, filho d'um alquilé de negros...

CONDESSA *(Afflicta e receiosa.)*

As paredes têem ouvidos.

D. ALVARO *(Imponente.)*

Pois que oiçam. *(N'outro tom)* Quem é a mãe d'essa menina, a futura sogra de seu filho? A mãe... Vasco córou, coitado! A mãe era a Conchita cigana, dançarina de S. Carlos *(Com profundo desprezo.)* e não sei que mais. *(Breve pausa e depois solemne e pausadamente.)* Então o meu querido mano da minha alma e do meu coração, vae admittir na sua familia, na minha familia, n'uma familia honrada e illustrissima como é a nossa, a filha d'uma creatura esquisita!

CONDESSA *(Apoquentada.)*

Jesus!

D. ALVARO

Resposta d'elle: — muito tremulo estava, coitadito! — «Os filhos não são responsaveis pelas culpas de seus paes».—Muito bem. E para defender esta velha affirmação, afincou-me uma saraivada de citações historicas, a ponto de me deixar estonteado. Elle conhecia muito a historia, lembra-se mana Maria?

CONDESSA

Ora !

D. ALVARO

Era mui lido, apreciava as boas lettras; sabia de cór a *Eneida* e os *Luziadas*. *(N'outro tom.)* Apóz a digressão erudita, desafogou, animou-se e desatou a allegar as prendas e virtudes da sr.ª D. Rachel, a sua riqueza, d'ella, á nossa penuria. *(Com intimativa.)* Detesto o dinheiro, sr.ª condessa.

CONDESSA

Tem razão.

D. ALVARO

«A cigana morreu ha mil e tantos annos, berrava o pobre Vasco, e a filha do Ramalhal foi educada em Paris, n'um collegio excellente, falla cinco ou seis linguas, sabe piano, harpa, desenha, pinta, canta, borda»—e tem muito de seu, acrescentei, e o menino deixa-se allucinar diante da prespectiva da cabazada de contos de réis que a neta do caçador de pretos ha de trazer para esta casa, para a casa dos Lyras, que nunca precisou do vil metal para ser respeitada Tenho odio ao dinheiro, mana Maria. *(N'outro tom.)* Meu irmão, coitado, pessoa honradissima a todos os respeitos, andou na melhor boa fé em todo este negocio. Convenceu-se de que para a felicidade do filho estremecido, era indispensavel matrimonial-o com uma rica herdeira, cuja grossa dinheirama viesse desempenhar esta malfadada casa, e restaural-a, emfim, ao seu antigo esplendor. Têem assim pensado muitos dos mais austeros fidalgarrões de Portugal, e do mundo inteiro. Eu, porém, tenho genio caturra, abomino o tal chamado —*casamento de conveniencia*. E' sempre desgraçado. Na minha longa vida, ainda não soube de um só... feliz. Tudo isto e muito mais disse e repeti a D. Vasco. Elle não me quiz ouvir. Fez mal.

CONDESSA

Toda a nossa gente, aconselhava o casamento, excepto o menino.

D. ALVARO

E a menina.

CONDESSA

Nunca impuz a minha vontade a ninguem.

D. ALVARO

Ah! mana Maria, minha senhora, para casar é mister amar. Será velheria, mas que quer...

SCENA IV

OS PRECEDENTES E MARIA

MARIA *(Havendo entrado durante as ultimas palavras de D. Alvaro)*

Diz muito bem, meu querido tio.

D. ALVARO

Oh! minha adorada joia, como está ella?

MARIA *(Muito meigamente.)*

E o meu lindo velho, como esta elle?

D. ALVARO

Linda és tu, filha. *(Beija-a.)* Ai! os meus setenta annos ainda são lindos, pequena? Isto já não é homem, é sombra; deixa em paz o tio.

MARIA

A mais bella cabeça branca que tenho admirado! Se eu fôra pintora, retratava-o. *(Apontando para um retrato antigo)* Assim, trajando á moda da edade media, como aquelle senhor.

CONDESSA

D. João Vasques.

D. ALVARO

Um dos bravos da ala dos Namorados. Havia de ficar guapo! Tem graça a lembrança.

CONDESSA *(Rindo.)*

Tem graça

MARIA

O Jayme?

D. ALVARO

Vem logo.

MARIA

Logo.. *(N'outro tom acariciando a condessa.)* Se não me engano, fallavam de amor os dois velhinhos muito engraçados. Que diziam elles?

CONDESSA

Historias do passado, minha filha.

D. ALVARO

Que sabes tu de amor, joiasinha?

MARIA

Eu?...

D. ALVARO

Ficaste a scismar!

MARIA *(Enleiada.)*

Scismar...

D. ALVARO

Terá ella um segredo, mana Maria?

CONDESSA *(Sorrindo.)*

Pergunte-lhe... *(Maria lança um olhar supplicante á condessa.)*

D ALVARO

Córou!

MARIA *(Cada vez mais enleiada.)*

Eu...

D. ALVARO

Sim minha senhora.

CONDESSA

Ora a pequena!

D. ALVARO *(Galhofando.)*

Está perdido o mundo? Eu sei... a gente de ámanhã será capaz de matrimoniar-se no dia immediato aó do baptisado! Ainda teremos de apadrinhar noivos em cueiros! Caspite! *(N'outro tom.)* Guarda o teu segredo, filha; e se casares, olha que isso de ligar a vida a outrem, indo a sociedade como vae, é caso serio; mas, se é força que te cases, livra-te de esposar um homem que não ames e que não te ame. Se póde haver felicidade n'este valle de lagrimas, felicidade sã e duradoura, só a encontrarás n'um amor verdadeiro, desinteressado, lealmente retribuido. Não envolvas no amor outro interesse que não seja o do proprio amor. Riquezas, tafularias, figuranças, vaidades... passa tudo; a formosura esmorece, a mocidade acaba e ai do velho, minha joia, que não sinta ao menos no coração, as cinzas de um grande e honrado affecto que houvesse doirado os seus mais bellos dias. Ai do velho, minha filha, que não tenha saudades! Saudades... *(N'um sorriso doce e melancolico.)* tenho muitas. *(N'outro tom.)* Em a nossa edade, mana Maria, vive-se do passado, não é assim?

CONDESSA *(N'um grande gesto de evocação.)*

Oh!...

D. ALVARO

Devo ao amor toda a ventura que experimentei n'este mundo. A minha entrada na vida foi rude. Aos trinta annos...

SCENA V

OS PRECEDENTES E O CONEGO

CONEGO

V. Ex.as dão licença?

D. ALVARO *(Seguindo impaciente no seu discurso.)*

Aos trinta annos...

CONDESSA

Pois não, sr. conego.

CONEGO

Minha senhora.

(Condessa e Maria acolhem o ecclesiastico com muitas venias e comprimentos, que elle retribue.)

D, ALVARO *(Impacientissimo, aponta ao conego uma cadeira, e em tom imperativo.)*

Sente-se e esteja calado.

CONDESSA

Jesus !

(O conego encolhe os hombros, aperta os labios com os dedos a prometter silencio e sorrindo bondosamente, como quem de ha muito está afeito a scenas do mesmo theor, senta-se solemnemente.)

D. ALVARO *(Enthusiasmado.)*

Aos trinta annos vi perdida a causa do rei legitimo! Em Evoramonte esses senhores... liberalões .. arrancaram-me as dragonas *(Muito tremulo e exaltado.)* pediram-me a espada! *(Enthusiasmado.)* A minha espada! Cada vez que me lembro! *(Ainda mais tremulo e exaltado.)* A minha espada!... Arranquei-a da bainha, parti-a de encontro ao joelho *(N'um gesto de arremesso, largo e imponente.)* e arremessei-lh'a assim : ahi a têem, quebrada mas não torcida ! *(N'uma transição pausada, assenta a mão nervosa sobre o hombro do conego, n'uma attitude proteccional, e n'um tom mais brando.)* Ouve D. Conego.

CONEGO *(Resignado.)*

Escuto, meu senhor.

D. ALVARO

Aas trinta annos abandonei patria, familia, não tornei a vêr minha mãe, coitadinha ! Era uma santa.

CONDESSA

Era uma santa.

D. ALVARO

Estava cortada a minha carreira... aos trinta annos! É duro. Pois que me restava? Transigir? Bemdito seja Deus! sempre fui, sou, e espero morrer, homem de uma só fé. Nunca tive feitio de borboleta. *(Com ironia suprema.)* Preconceitos .. agora tudo se apoda de preconceito e cada um procede como melhor lhe convém. É mais commodo. Valha-nos Santo Antonio de Lisboa meu rico padre Ventura. *(Esfrega as mãos e cofia as longas barbas nevadas.)* Emigro para Londres. Ah! Deus é grande! Alli me enviou o anjo que deveria consolar-me de tamanhas amarguras. A minha adorada Marianna era filha d'um honrado coronel de voluntarios realistas, tambem exilado, official valentissimo! O marechal, no Porto, viu-se grego mais de uma vez, com elle!

CONEGO

O sr. duque de Saldanha!

D. ALVARO

Sim meu senhor. Oiça. Uma tarde em *Hyde Park*, encontro este respeitavel correligionario acompanhado de sua filha. Era sempre motivo de festa, para nós pobres emigrados, quando topavamos mais algum companheiro.—Você não faz ideia d'estas coisas, padre.—Conhecia-o do campo de batalha; apresentou-me a filha: uma verdadeira formosura.

CONDESSA

Linda! linda!

D. ALVARO

Não é assim?

CONDESSA

Uma santa. Que saudade!

D. ALVARO

Que saudade! *(Para a condessa.)* Ó menina, parece que tudo isto passou hontem. Vôa o tempo. *(N'outro tom.)* Casamos um anno depois do primeiro encontro. Como eu adorei aquelle anjo! Encheu-me de felicidade a vida inteira este amor santo. E eramos pobrissimos. Filho segundo de uma

casa já então muito decadente, pelo formidavel rombo dos bens da corôa e ordem, recebia uma mezada tristissima. Tres libras! Tornou-se necessario trabalhar, trabalhei. Dava lições de esgrima e mais tarde servi de ajudante de guarda livros de uma fabrica de panos na City. Ora vejam! Sempre pouco endinheirados, mas, governados, tranquillos de consciencia e em boa paz com Deus, vivemos n'uma encantadora maré de rosas, trinta e cinco annos. Morreu nos meus braços a minha estremecida companheira. Foi para mim o seu ultimo olhar. Levou comsigo toda a minha alegria. Comecei a viver do passado; a saborear a recordação para não morrer. Tivemos uma filha, outro anjo, já estava no ceu á espera da mãe. Lá nos encontraremos todos se Deus quizer... Coitadita! deixou-me um legado de amor, o meu Jayme... meu arrimo, minha consolação, meu orgulho. E' muito bom amar, tem amado muito este velho coração. *(N'outro tom, sorrindo bondosamente e cofiando pachorrentamente as barbas)* E a final ia descaindo n'uma elegia.

MARIA

Linda.

D. ALVARO

Gostaste? Concordas?

MARIA

Decerto.

D. ALVARO *(Galhofando.)*

Ouve padre: quantas vezes será necessario repetir que não admitto que venhas interromper meus discursos?

CONEGO

Peço a palavra. *(D. Alvaro inclina a cabeça.)*

CONDESSA

Que caturreira!

CONEGO

Se a maçonaria em sua impia furia...

D. ALVARO

Carrega-me n'essa *pedreirada.*

CONEGO

... não houvesse expulsado do Portugal fidelissimo, as congregações religiosas, D. Alvaro Vasques de Lyra, teria um habito de direito na ordem dos pregadores. *(Tomando a sua pitada de rapé.)* Ora pois: considerando-o eu *in peto*, como tal, prometto não perturbar mais... com um espirro sequer, as suas orações.

D ALVARO

Bravo! O conego Paulo Ventura de Santa Maria Apolinaria, saíu-se muito bem. Sem um bocadinho de caturreira, meu rico, custa muito a navegar por estes mares.

CONDESSA *(A Maria que durante a scena tem-se mostrado tristonha e preoccupada.)*

Está tristinha minha filha!

MARIA *(N'um sorriso forçado.)*

Não...

SCENA VI

OS PRECEDENTES, BENTO E JOSÉ FRANCISCO

BENTO *(Ao conego.)*

Ai! que apetite! Quem eu venho encontrar! Deite-me a sua benção, por caridade, sr. conego Ventura.

CONEGO *(Dando-lhe a palma da mão a beijar.)*

Viva, viva.

BENTO

Que respeitavel pessoa o sr. conego. Um santinho.

JOSÉ *(Traz uma bandeja com duas tigelas da India, etc.)*

CONDESSA

Já não é sem tempo, José Francisco.

JOSÉ *(Dispondo a meza; maneiras graves.)*

O caldinho ainda não está apurado, sr.ª condessa. Sr. D. Alvaro um criado de *voscellencia*. Sr. conego Ventura.

D. ALVARO *(Batendo com ar de protecção amiga no hombro de José.)*

Excellente pessoa, o nosso José Francisco.

CONEGO

Oh! oh!

JOSÉ

Favores, meus senhores.

CONDESSA

O mano não costuma lanchar nem o sr. conego...

CONEGO

Como duas vezes ao dia: almóço e janto.

CONDESSA

Não sei para que trouxe duas tigelas José Francisco?

BENTO

Sei eu. *(Senta-se em frente da condessa e arremedando as gallinhas da India.)* Estou fraco, estou fraco.

D ALVARO

Enrija, menino.

JOSÉ *(Resmungando com Bento.)*

Não me enchovalhe esse guardanapo, vocemecê tem o seu.

BENTO *(Com altivez.)*

Vocemecê! *(Riem todos)*

CONDESSA

Deixe-o, José Francisco. *(José Francisco meneia a cabeça contrariado)*

D. ALVARO

Vossa senhoria aguenta-se muito bem nas suas tamancas.

BENTO *(Imponente)*

Um copo de vinho do Porto, José.

CONDESSA

Que graça!

JOSÉ *(Encolhendo os hombros, fallando em tom de reprovação.)*

As chaves da garrafeira estão em poder da sr.ª marqueza. S. ex.ª está ausente. A's vezes vem uma pressa .. não tenho nada com isso. *(Breve silencio, todos se entre-olham contrafeitos.)*

BENTO *(Hypocrita.)*

Ai! que saudades do honrado e santo conde D. Vasco! que saudades! *(Velhacamente, com muita intenção.)* Isto... foi casa de fidalgos. Ai!

CONDESSA *(Atalhando.)*

Que me diz da nossa festinha de Santo Alberto, sr. conego?

CONEGO

Muito sentida a falta de v. ex.ª O templo estava bem adornado, sim, minha senhora, bastantes luzes e flores. Sua prima a sr.ª D. Joanna, obsequiou as freirinhas com uma rica toalha de renda para o altar mór. Seja tudo pelo Divino Amor de Deus; Nosso Senhor lhe pagará.

CONDESSA

Muito bem. Esta gota não me deixa sair. Paciencia! Ás vezes tenho vontade de dizer: a maldicta gota... ao mesmo tempo faz-me escrupulo, porque é Deus quem m'a envia, para expiação temporal dos meus peccados. Mais vale soffrer n'este mundo que no outro. *(N'outro tom)* Cantou a missa o nosso padre Elesiario?

CONEGO

Sim, minha senhora.

BENTO

Lá estive de capa encarnada; fui convidado para o *lavabo*. Sou muito considerado, graças a Deus.

MARIA

Pregou o sr. conego?

CONEGO

Sim ex.^ma^ sr.^a Honram-me todos os annos com esse devoto encargo. Pobre foi o discurso, e desnudado de oratorias galas... Emfim... elegendo para thema do exordio as palavras do Evangelho da festividade *(Ergue o dedo indicador da mão direita e repete em tom solemne.)* «Et qui non bàjulat crucem suam, et venit post me, non potest meus esse discipulus.» S. Lucas cap. 14 ver. vigesimo setimo.

D. ALVARO *(Interrompendo em tom muito erudito.)*

E o que não leva a sua cruz e vem em meu seguimento... ou após de mim... venit post me; non potest... não póde ..

CONEGO

Meus esse...

D. ALVARO

Discipulus... não póde ser meu discipulo.

CONEGO

Justo. *(Retomando o tom de sermão.)* Após as piedosas considerações que o citado texto me inspirou, e que constituiram, por assim dizer, a principal materia do proemio; depois de rogar á Magestade Divina, luz para o meu entendimento e efficacia para minhas palavras, bosquejei toscamente, porque mingoado é meu engenho...

TODOS

Ó sr. conego!

BENTO *(Erguendo as mãos, n'uma admiração hypocrita.)*

Et exaltavi hùmiles!

CONEGO

...o panegirico do santo. Salientei, suas virtudes, pondo em relevo mui especial, a fé ardente que alcançou para o egregio pastor, a graça do martyrio. Comparando a presente época, desoladora e triste por sua tibieza e septicismo...

D. ALVARO

Muito bem.

CONEGO

...aos tempos gloriosos da fé, e do religioso enthusiasmo;

D. ALVARO

Isso.

CONEGO

...tentei demonstrar, apontando exemplos da historia, relembrando lições de philosophos e abalisàdos pensadores que, a fé, virtude sublime, a maior das virtudes, talvez...

D. ALVARO

Apoiado!

CONEGO

...não sómente originou os mais elevados commettimentos da epopeia da humanidade, mas, ainda é a mais consoladora das virtudes. A' falta quasi absoluta de fé, ou completamente absoluta, de que padecem esses espiritos, que se dizem modernos...

D. ALVARO

Os taes descendentes do macaco!

CONEGO

...attribui a maioria dos males que conturbam a contemporanea sociedade. Terminei por combater o racionalismo e todos os erros absurdos que promanam d'essa philosophia falsa, d'essa sciencia sem Deus... a que por ahi chamam materialismo, positivismo. que ensombra o bem estar presente do homem e lhe torna impossivel a eterna felicidade.

D. ALVARO

Caspite!

TODOS

Muito bem, muito bem.

CONEGO *(N'uma circunspecta venia, á condessa.)*

Concluida minha humilima oração, não me esqueci sr.ª condessa, minha senhora, de convidar o devoto auditorio, que tão benevolamente me escutou, a impetrar n'uma fervorosa

Ave Maria, o bem estar espiritual e temporal de v. ex.ª, um dos ornamentos...

CONDESSA *(N'uma venia humilde de modestia offendida.)*

Sr. conego.

CONEGO

...da veneranda aristocracia portugueza e desvelada protectora d'aquella casa religiosa.

CONDESSA

Mas que lembrança tão obrigante, tão caritativa!

SCENA VII

OS PRECEDENTES E JAYME

D. ALVARO *(Apontando Jayme.)*

Ahi o têem.

MARIA *(N'uma anciedade que mal consegue dominar)*

Jayme!

CONDESSA

Então?

JAYME *(Após um momento de silencio, disfarçando mal o sorriso.)*

Foi-se...

D. ALVARO *(Atordoado)*

Um!... *(Arrenegado)* Estou farto de pregar: não se mettam com os mindeleiros.

CONDESSA

Valha-me Deus!

MARIA

Mentes.

CONDESSA

Ah! maroto não te perdôo o susto.

JAYME *(Risonho, beijando a mão da condessa.)*

Perdôa de certo se eu lhe disser que fiquei classificado em primeiro logar.

CONDESSA *(Beijando-o)*

Mau.

D. ALVARO *(N'uma bondosa admoestação.)*

Nem por gracejo se falta á verdade. Eu nunca menti.

BENTO

Ora... pespegou muita peta ás suas namoradas.

D. ALVARO

Nunca menti. *(Enternecido)* Dê cá um abraço meu filho. Sempre me disse o coração que havia de fazer muito boa figura. Graças a Deus!

CONEGO

Muitos parabens, muitos parabens.

BENTO

Viva o illustre diplomata.. . in petto, por emquanto.

JOSÉ *(N'uma mesura antiga, respeitoso.)*

Tambem dou os meus parabens a *vóscellencia*, sr. D Jayme.

JAYME *(Batendo amigavelmente no hombro de José Francisco)*

Obrigado José

JOSÉ

Com que então foi exame de latim? Sim senhor.

CONEGO *(Sorvendo uma pitada.)*

Concurso para a diplomacia.

JOSÉ

Muito bem, sim Sr. *(Levanta a meza e sae.)*

SCENA VIII

OS PRECEDENTES MENOS JOSÉ FRANCISCO

D. ALVARO

Está vencida esta batalha.

CONDESSA

D'aqui a nada tem'o-l'o embaixador.

BENTO

A final os taes mindeleiros não são tão feios como v. ex.ª os pinta.

D. ALVARO *(Agarrando Bento pelo cachaço, com mau sorriso.)*

Ah! cachorro!

BENTO

Com os seus queridos caceteiros nunca apeteci folias. Meu bom pae esteve, vae não vae, a balouçar na forca, por causa de uma linda gravata azul e branca.

D. ALVARO *(Com certo azedume)*

E os seus illustres correligionarios sr. caturra, iam dando cabo d'uma saloia, nossa ladaveira. porque a desgraçada, cahiu na esparrella de apparecer um dia em Lisboa, embrulhada n'um chale azul e encarnado.

CONEGO

Cá e lá más fadas... houve.

D. ALVARO

Mas D. Conego *(D. Alvaro, conego e Bento, formam um grupo, cavaqueando animadamente)*

MARIA *(A Jayme.)*

Tenho passado um dia de verdadeiro tormento! Que sustos!... presentimentos desagradaveis... Estava a rezar por ti, quebraram-se-me as contas.

JAYME

Coitada!

MARIA

Disse com os meus botões: talvez seja um aviso de Nosso Senhor, preparando-me para alguma noticia desagradavel. Ora desejava estar só, ora sentia necessidade de companhia. A avó estava na sua partida, com ella não púde desabafar. A final vim para aqui. Triste... preoccupada, mal conseguia dissimular a minha inquietação. Acredita.

JAYME

Creio, sim, meu amor.

MARIA

Sentia passos, o coração pulava — elle ahi vem! — e não vinha... Que horror! E recomeçavam os receios, os cuidados. Todas estas torturas, não eram pequeninas, offereci ao Sagrado Coração de Jesus, para que Elle te protegesse e abençoasse o nosso amor.

(D. Alvaro, conego e Bento, sempre discutindo animadamente, saem.)

JAYME

E Deus ouviu-te.

SCENA IX

CONDESSA, MARIA, JAYME

CONDESSA *(Vem mansamente por detraz de Jayme e Maria, abraça-os e n'um sorriso mysterioso.)*

Agora, muito baixinho... parabens a ambos. *(Jayme e Maria beijam-lhe a mão.)*

MARIA

A minha adorada confidente, tão amiga, tão boa!

CONDESSA

Deves estar muito grato a esta menina; tem rezado immenso por ti.

JAYME

Ella é um anjo.

MARIA

Isso não se diz.

CONDESSA

Se não fosse tão bom rapazinho...

JAYME (*Gracejando.*)

Muito obrigado.

CONDESSA

E neto de quem é...

MARIA (*Sorrindo.*)

Sus...

SCENA X

OS PRECEDENTES E BENTO

BENTO

Aquella noiva muito feia, não larga a porta. Está na casa de espera.

CONDESSA

Coitada. Vou já... E' verdade: Alcançaste a certidão?

BENTO

Sim minha fidalga. E a proposito de papeladas, saiba que me deve um dinheirão.

CONDESSA

Ora essa!

BENTO (*Puxando da carteira.*)

O tira-teimas, está aqui: 3 certidões — quem a manda ser casamenteira? — 1$200; esmola ao sineiro da Graça, coxo: 500 réis; para a festa da Conceição no Conventinho: 2$000 réis; mais sete tostões que lhe ganhei ainda agora, ao cassino; somma tudo: 4$400. Um tostão de juro, para ficar a conta certa n'uma libra.

CONDESSA

Pois sim, o que tu quizeres.

BENTO

Deu em Santo Antonio, a condessa velha. Os namorados do sitio caem-lhe em casa, e ella paga-lhes as certidões, fornece-lhes os enxovaes. Valha-a Deus!

CONDESSA

Deve-se evitar quanto possivel que esta gente pobre viva afastada da lei de Deus. São creaturas como nós. Perante a Divina Justiça nada valem as gerarchias da terra.

JAYME

Santinha.

CONDESSA

Não sou. Bento dê-me o chale. *(Bento ajuda a condessa a embrulhar-se no chale.)* A minha manta está alli *(Envolve a cabeça na manta, abafando-se muito)* Marche adiante, faça favor, para fechar alguma janella que esteja aberta.

BENTO

Sempre com medo do ar. Que mania!

CONDESSA

Vamos; a mulhersinha póde-se escandalisar com a demora.

BENTO

Tinha graça! uma peixeira!

CONDESSA

Não tens escrupulo d'essa soberba, homem! Anda, anda.

SCENA XI

MARÍA E JAYME

JAYME *(Contempla Maria n'uma quasi adoração, toma-lhe as mãos e beija-as ferverosamente.)*

MARIA *(A sorrir, retira as mãos, brandamente.)*

Então...

JAYME

Não tenho licença de beijar esta garrasita, que ha de ser minha?

MARIA *(Com firmeza.)*

Tua ou de ninguem, meu Jayme.

JAYME

Eu sinto-me tão feliz! tão extraordinariamente feliz! que ora me parece sonho tamanha felicidade, ora tremo que ella desappareça, para nunca mais voltar.

MARIA

Vês? Não existe felicidade completa n'esta vida. Gozam-n'a os anjos no ceu. A nossa condição é soffrer. Paciencia! A minha mestra, a irmã Sacré Cœur, senhora de muito juizo, dizia-me muitas vezes: «Olhe minha filha, mesmo nas horas de maior ventura padecemos... o receio de perdel-a, o receio do dia de ámanhã.» *(Sorrindo docemente.)* Sabes? tenho esperança de que todas as nossas desgraças futuras, se hão-de resumir apenas, no tal receio pelo dia de ámanhã. Já não é pouco, mas precisamos de pagar o nosso tributo.

JAYME *(Com mal disfarçada preoccupação.)*

Deus te oiça. *(Breve pausa.)* E ámanhã?

MARIA

Será dia de festa n'esta casa. D. Alvaro Vasques de Lyra — o Portugal Velho, como lhe chamava o tio Miguel — muito bem encasacado, com a sua gravata branca, apresenta-se ahi, e pede com a maior solemnidade — eu ponho-me á porta da sala a espreitar a scena — aos nobres marquezes de Verride, a mão d'esta sua dona, meu senhor, para D. Jayme Vasques de Lyra, moço de muito boas prendas, etc. Conheces este figurão?

JAYME *(Com enthusiasmo.)*

E não queres que eu te adore!

MARIA *(Rindo.)*

Adora-se a Divindade.

JAYME

Mas tu para mim és tudo. És a minha vida, o meu amor, o meu anjo, a minha boa estrella, a minha alegria. . Como é bom amar como eu te amo! É uma delicia incomparavel sentir-me amado por ti, minha adorada Maria...

MARIA *(Atalhando com jovialidade quasi infantil.)*

Ora aqui está no que veiu a dar o antigo cosinheiro das minhas bonecas! .. Já n'esse tempo lhe chamava — o meu noivo .. Recorda-se?

JAYME

Amor...

MARIA

Eu era má como as cobras, bulhava com todas as creanças... nunca bulhei com elle; era muito sovina — que vergonha! — só com este senhor repartia as goloseimas que me offereciam Quando você teve bexigas doidas... chorei—ai! santo Deus! elle poderia ficar muito feio! — Pedi para ser a sua enfermeira, não me deixaram. E muitos terços rezei a S. Luiz Gonzaga para que o meu noivo fosse approvado nos seus exames.

JAYME

Estás evocando o suave preludio do nosso poema de amor

MARIA

Poema... quando começou? *(Envolvendo Jayme n'um olhar repassado de ternura e affecto, n'um sorriso d'anjo.)* Não teve principio...

JAYME *(Tomando as mãos de Maria.)*

Não terá fim. *(Com enthusiasmo.)* Ó minha adorada Maria da minha alma, é uma ventura excepcional, quasi unica, esta que nós experimentamos na certeza reciproca...

MARIA *(Atalhando.)*

És o meu primeiro amor, sou o teu primeiro amor.

JAYME *(Recaindo, mau grado seu, em sua triste preoccupação.)*

E ámanhã?

MARIA *(N'uma alegria infantil, certa de um bom exito.)*

Qual ámanhã! Logo, com certeza, logo. Primeiro á mamã; ponho a questão em duas palavras: olhe, minha rica mãe, eu morro pelo Jayme, elle morre por mim, deixe-nos ser felizes. Depois agarro o papá e repito-lhe o mesmo. Ficam contentissimos, acredita.

JAYME

Parece-te?

MARIA

O papá é muito teu amigo, a mamã em geral, um bocadinho secca para com toda a gente, chega a mostrar enthusiasmo por ti!

JAYME

Sempre fomos excellentes amigos; podera eu adivinhar-lhe todos os pensamentos: é tua mãe.

MARIA

Falla do Jayme tantas vezes e tão agradavelmente, como nunca lhe ouvi fallar d'outra pessoa. Se não appareces um dia, repara logo. *(N'outro tom.)* Que ambicionam elles senão a minha felicidade?

JAYME

E não suspeitam?

MARIA *(Rindo.)*

Não, sempre nos consideraram dois irmãos. Ainda ha poucos dias, disse a mamã, não me recordo a que proposito: «O Jayme tem pouca bossa para o matrimonio, não se lhe sabe de nenhuma côrte» Eu saí da sala a rir.

JAYME

Tem graça! O avô tambem... nem pouco mais ou menos

MARIA

Sim? *(Ouvem passos.)* Sus...

SCENA XII

OS PRECEDENTES, D. ALVARO, CONEGO, BENTO

D. ALVARO

Vem ahi sua mãe, menina.

MARIA

Sim?

BENTO

Temos discutido muito o sermão. *(A Jayme.)* Seu avô parece um theologo.

CONEGO

Da ordem dos pregadores. Benza-o Deus.

SCENA XIII

OS PRECEDENTES, MARQUEZ E MARQUEZA

MARQUEZA *(Entra agitada, nervosa, arquejante, porém alegre e sorridente; busca com o olhar incendido, Jayme, dirige-se para elle, com mal reprimida anciedade, aperta-lhe muito a mão.)*

Brilhaste! *(Leva a mão ao peito, cansada, abatida.)* Ai!

MARQUEZ

Muitos parabens seu Jayme.

JAYME

Obrigado.

MARQUEZA *(Afastando bruscamente Maria que a beija e abraça.)*

Deixe-me menina. Estou sem ar. Em subindo uma escada mais depressa, fico logo assim! Tio Alvaro, muitos parabens.

D. ALVARO

Minha senhora.

MARQUEZ

Que é feito deste conego?

CONEGO

Sr. Marquez.

MARIA

Como souberam?

MARQUEZ

Disse-nos o...

MARQUEZA *(Atalhando; com a voz ainda cançada, porém mais alliviada.)*

Fomos visitar a viscondessa d'Alcoutim, nossa secretaria em Paris, minha velha amiga, companheira de collegio; chegou esta manhã, vem optima.

MARQUEZ

Deliciosa, deliciosa!

MARQUEZA

Encontrámos no hotel onde ella se acha hospedada, o director geral dos estrangeiros. *(A Jayme.)* Não calculas as ausencias que de ti fez!

MARQUEZ

É verdade.

MARQUEZA

Mil coisas agradaveis, lisonjeiras. Um concurso optimo.

JAYME

Questão de felicidade.

MARQUEZA

Só isso, mais nada? Está muito satisfeito tio Alvaro?

D. ALVARO

Com certeza.

MARQUEZA

D'aqui a oito dias, tem o seu neto secretario de legação. Já não é feio. Um logar tão bonito conquistado pela sua intelligencia, pelo seu estudo.

D. ALVARO

A menina deita-me a perder o rapaz.

MARQUEZA

Elle não é vaidoso. Vou tirar o chapeu; volto já. *(Sae.)*

SCENA XIV

OS PRECEDENTES, EXCEPTO A MARQUEZA, E LOGO DEPOIS A CONDESSA

MARQUEZ *(Tomando o braço do conego e apontando Bento.)* D. Conego vamos enguiçal-o Bento onde jantaste hontem?

BENTO

Quando me perguntam não respondo.

CONEGO

E ante-hontem?

BENTO *(Roendo as unhas.)*

Com a rainha do Congo, minha joia.

MARQUEZ

Tio Alvaro, encontrei o seu velho amigo, capitão Tello, todo azafamado.

D. ALVARO

Excellente homem!

MARQUEZ

Na fórma do costume, apparece logo para a partida do gamão.

CONEGO

É invencivel!

JAYME

O tio Izidoro e a tia Joanna creio que veem jantar com v. ex.as

MARQUEZ

Optimo! *(Esfregando as mãos, contentissimo.)* Teremos caturreira *au grand complet.*

CONDESSA

O menino já veiu! *(Marquez beija-lhe a mão.)* Ó mano agora costumamos fazer a novena antes de jantar, o oratorio de noite está frigidissimo... se nos quizer acompanhar.

D. ALVARO

V. ex.ª manda, minha senhora.

CONDESSA

O sr. conego capitula. Bento vá acender a banqueta.

BENTO *(Importantissimo.)*

Se eu morresse que seria d'estes senhores! *(Sae.)*

SCENA XV

OS PRECEDENTES E DEPOIS A MARQUEZA

CONEGO

Vaso ruim não quebra

CONDESSA

Vamos Maria.

CONEGO

Procedamus in pace. *(Sae e seguem-n'o : o marquez, D. Alvaro, Maria.)*

CONDESSA *(Á marqueza que entra e lhe beija a mão.)*

A viscondessa chegou sem novidade?

MARQUEZA

Sim, minha senhora.

CONDESSA

Logo que me seja possivel irei visitar a sua amiga.

MARQUEZA *(Distrahida.)*

Em Vienna ?

JAYME

Sim. *(Breve silencio.)*

MARQUEZA

Deixas teu avô. Está muito velho, coitado.

JAYME

Custa-me deveras. Talvez podesse obter um logar no ministerio; mas, em verdade, não sei pedir e ainda menos instar.

MARQUEZA *(Subitamente alegre.)*

Qual historia ! *(Decidida.)* Descança. Fica por minha conta o negocio.

JAYME

Muito obrigado, mas por emquanto...

MARQUEZA

Que ?

JAYME *(Sorrindo.)*

Deixe-me pensar, senhora.

MARQUEZA *(Crava o olhar em Jayme, um instante silenciosa, procurando lêr-lhe o pensamento, depois, meigamente, n'uma voz cheia de caricias.)*

Essa ideia de Vienna é uma tolice.

JAYME

Parece-lhe ?

MARQUEZA

Sê pratico, rapaz : não és rico ; os lugares diplomaticos exigem certa representação. Segundo oiço, os ordenados não passam d'uma insignificancia. Para te manteres, convenientemente em uma côrte estrangeira, tinhas de pôr muito do teu bolsinho, e o teu bolsinho é tão pequenino...

JAYME

Tudo isso é verdade.

MARQUEZA

Concordas? Não parece mais sensato, diligenciar uma boa collocação no ministerio? Assim continuavas em tua casa, evitando muita tristeza e muitissima saudade ao teu avô, que morre por ti, e... a todos nós ingrato. Está decidido não partirás.

JAYME

Tem carradas de razão em tudo quanto disse, mas...

MARQUEZA

Ainda um «mas»!

JAYME *(Mysterioso.)*

É necessario pensar muito.

MARQUEZA

Falla, desafoga, mysteriosa creatura. Pensar em que?

JAYME *(Tem um sorriso mysterioso, e um quasi nada theatralmente.)*

Eis o meu segredo, marqueza.

MARQUEZA

Ah! *(Arremedando-o.)* «Voilà mon secret marquise»—parece um galan do Vaudeville! *(Despeitada.)* Um... *(Com emphase.)* Tens segredos para mim, ingrato? *(N'um sorriso triste.)* Mau.

JAYME

Ora a menina...

MARQUEZA *(Com modo imperativo.)*

Vamos, ponha tudo em pratos limpos. *(Jayme sempre a sorrir, um pouco commovido, nervoso, meneia negativamente a fronte.)* Agora serio: Trata-se de um segredo a valer?

JAYME

Curiosa...

MARQUEZA *(Supplicante.)*

Dize.

JAYME *(Embaraçado.)*

Ora... *(Um pouco a medo.)* Não deixaria de offerecer algum perigo a confidencia.

MARQUEZA *(Offegante, nervosa.)*

Que receias ?

JAYME *(Mal podendo dominar a commoção.)*

Talvez o meu futuro, a minha felicidade... dependam de uma palavra sua...

MARQUEZA *(N'um sorriso illuminado de esperança, carinhosamente.)*

Creança!... Falla...

JAYME *(Hesitante.)*

Ámanhã...

MARQUEZA *(Supplicante.)*

Agora.

JAYME

Não... ámanhã.

MARQUEZA *(Desconsolada.)*

Seja. *(Após breve silencio, tristemente.)* Que semsaboria de mysterio! *(Sorrindo, com intenção reservada.)* Mysterio para quê? *(Comsigo.)* E o tempo a voar... Ai! *(Ergue-se, passa por diante do espelho, remira-se n'elle, volteja um pouco pela sala; depois vem sentar-se na poltrona, installa-se commodamente e deixa-se estar por momentos scilenciosa, n'uma concentração romanesca.)* Devemos ter um bello dia ámanhã. *(Novo silencio, e depois, com os olhos semi-cerrados, n'uma attitude de abandôno.)* Esta hora é triste; infunde-me uma melancolia doce...

JAYME *(Tem-se approximado, encostado sobre a espalda da poltrona onde se espreguiça a marqueza; e em tom de quem está recitando.)*

«Voici l'heure ou tombe le voile.»

MARQUEZA *(Com uma expressão de bem estar.)*

Ah!...

JAYME

Recorda-se d'estes versos, de madame Girardin?

MARQUEZA

São deliciosos. *(Romanticamente recitando, olhar em alvo.)*
«Mon cœur à la première etoile,
«S'ouvre comme une fleur de nuit.»
(N'uma transição brusca, com o olhar coruscante, toma as mãos de Jayme e fingindo que ri, applica-lhe umas poucas de palmadas.) Mau homem, magico, excentrico...

JAYME

Que ahi vae!

MARQUEZA

D'hoje em diante passo a chamar-lhe D. Mysterio.

JAYME

Bem achado.

MARQUEZA

E a promettida traducção? *(Jayme tira da carteira uma folha de papel dobrada e entrega-a á marqueza. Esta risonha, anciosa, palpitante.)* Ai! deixa lêr, deixa lêr... já...

JAYME

O famoso soneto d'Avers.

MARQUEZA *(Emquanto desdobra o papel.)*

«Mon âme à son secret, ma vie à son mystere.» *(Lê, n'uma voz comovida, lançando de quando em quando, de soslaio, sobre Jayme, o olhar febril.)*

«Tem minh'alma um segredo e um mysterio a vida.
É um voraz amôr nutrido n'um momento,
Eu soffro sem esperança, occulto o soffrimento
E quem me faz soffrer, não sabe quanto é querida.

Ella passa por mim sem reparar sequer.
Tenho-a sempre a meu lado, e vivo solitario.
Hei-de levar a cruz ao cimo do Calvario,
Sem nada lhe pedir, sem nada receber.

E ella, a quem Deus deu um'alma celestial,
Tranquilla viverá, desconhecendo o mal
Que em meu peito nasceu, de tanto e tanto a amar.

E ao lêr estes meus versos distraídamente,
Que só p'r'a ella são, pergunta inconsciente :
«Quem é esta mulher?» Sem nada suspeitar... [1]

JAYME

Gostou?

MARQUEZA *(Muito commovida.)*

Muito... Faz immensa ternura .. *(Ouve-se sons longinquos de côro religioso.)* Pobre poeta! que martyrio! Quantas lagrimas lhe custaria o soneto? *(Relendo com intenção.)*
«Hei-de levar a cruz ao cimo do Calvario,
Sem nada lhe pedir, sem nada receber.»
(Apercebendo-se do canto religioso.) Que massada! Não tolero estas cantatas de egreja, tudo me parece officio de mortos. *(Dirige-se á porta e fecha-a impetuosamente.)* Figas para tão impertinente beaterio.

JAYME

Oh! Rachel!

MARQUEZA

Faltava-me esta semsaboria... *(Escutando.)* Ainda ouves?

JAYME

Não.

MARQUEZA *(N'uma exaltação crescente.)*

Eu oiço... E lembro-me do cheiro dos murrões, da agua phenica, de todas as tristezas do *escabeche.* Que gente esta! Vão berrar para o inferno... Estou muito adoentada, muito. — Ai! a minha vida! — É uma confusão na cabeça, um zunido nos ouvidos, noites. noites e noites sem dormir... *(N'outro tom, com um subito «não se me dá».)* Deixal-o...

JAYME

A menina precisa de tratar-se seriamente, Rachel.

---

[1] A traducção d'este famoso soneto é do illustre poeta o sr. A. Lemos.

MARQUEZA *(Muito agitada, espalmando as mãos sobre o peito.)*

Falta d'ar... *(Arquejando.)* Falta d'ar... *(Muito exaltada.)* Não quero pensar n'estas coisas...

JAYME

Não deve. *(Ouve-se rumor de gargalhadas.)*

MARQUEZA

Não quero pensar n'estas asneirolas... e quanto menos quero, mais penso. *(Prorompendo n'um chôro alto, nervoso.)* Resta-me pouco tempo de vida... Bem sei... diz-me o coração.

JAYME *(Com sorriso constrangido.)*

O coração mente.

MARQUEZA *(Soluçando.)*

Terás pena de mim quando eu morrer?

JAYME *(Com um riso muito affectado que mal encobre a compaixão que a marqueza lhe inspira)*

Ora d'aqui a seculo e meio, já não serei d'este mundo.

SCENA XVII

OS PRECEDENTES E O MARQUEZ

(O marquez entra em scena, rindo ás bandeiras despregadas.)

MARQUEZA *(Assustada, quasi suffocada, mas n'uma attitude brutal, de pessoa ordinaria irritada.)*

Arre!... Pregaste-me um susto! *(Desdenhosa, com desprezo.)* Sempre a rir de boca aberta!

MARQUEZ *(Continuando a rir.)*

Não que havia de rir com a boca fechada! — Não é assim Jayme? — Vocês não calculam! Que scena! que scena! Quando saímos, agora mesmo, do oratorio, encontramos no

corredor, quasi ás escuras, a tia Joanna e o tio Isidoro Bentinho vinha á nossa frente. Tia Joanna — um apetite! — toma-o pela minha pessoa...

JAYME

Não é lisonjeiro o equivoco...

MARQUEZ

Pois não é — e zás... agarra-o, abraça-o, impinge-lhe uns poucos de beijos!! Calculem! Bento desata a berrar e a pobre tia desata tambem a berrar, cheia de escrupulo, coitadinha!

MARQUEZA *(Desdenhosa.)*

Ah!

MARQUEZ *(Sempre a rir.)*

É consultado o conego.

José Francisco traz um grande candieiro que põe sobre o bufete e outro criado colloca um candieiro igual sobre o tremó; e ambos accendem as velas dos candelabros que enfeitam o fogão. Feito isto retiram.

MARQUEZA

Logo vi.

MARQUEZ

E vae o reverendo — mas que scena! — muito serio, na fórma do costume: *(Imitando o conego.)* «Seja tranquilla sua consciencia, ex.ma senhora, o nosso Bento já não é peixe nem carne.» *(Rindo cada vez mais.)* Parece uma conclusão de D. Braz da Silveira, que compunha umas versalhadas que só elle entendia! Não ha nada mais sybillino! Depois...

MARQUEZA *(Atalhando impacientada.)*

Bom, bom, advinho o resto. Gastas a vida a saborear necedades.

MARQUEZ

Cada qual diverte-se a seu modo.

MARQUEZA

Pois sim, mas agora temos de ajustar um negocio serio. És par do reino...

MARQUEZ

Passo para nunes se te apraz.

MARQUEZA

Nunca piaste na camara, nem sequer lá pões os pés.

MARQUEZ *(N'um sorriso cynico.)*

Como não espero salvar a patria...

MARQUEZA

Um voto porém, n'estes bons tempos de entremez politico, sempre póde servir...

MARQUEZ

N'uma palavra...

MARQUEZA

Pretendo que o Jayme seja collocado quanto antes no...

JAYME *(Atalhando, amavelmente)*

Não ha pressa.

MARQUEZA

Ha.

(Ouve-se um longo toque de campainha solemne.)

MARQUEZ

Elle diz que não.

MARQUEZA

Por amabilidade. *(Impertinente.)* Não tomas a serio...

MARQUEZ *(Atalhando e esquivando-se á massada que julga eminente.)*

Tomo tudo muito a serio, minha rica filha, mas já tocou para o jantar e poderiamos combinar e discutir esse gravissimo assumpto, com todo o socego, ámanhã, se Deus quizer.

José Francisco e outro criado abrem as portas da sala de jantar. A meza está posta com certa grandeza e bem illuminada.

MARQUEZA *(Nervosa, muito frenetica.)*

Ámanhã, ámanhã.

MARQUEZ

Agora vamos...

JOSÉ FRANCISCO *(A distancia respeitosa, solemnemente.)*

Está o jantar na meza.

MARQUEZ *(Justificando-se.)*

Vês...

SCENA XVIII

OS PRECEDENTES, D. IZIDORO, D. JOANNA, CONDESSA, D. ALVARO, CONEGO, BENTO, MARIA

D. IZIDORO *(Muito risonho, esfregando as mãos.)*

Que catu*gueiga* ! Que catu*gueiga* !

D. JOANNA *(Quasi lamurienta.)*

Ó Rachel a menina não imagina o horror...

MARQUEZA

Já sei minha senhora.

D. IZIDORO *(Agarrando Bento por um braço e indicando-lhe o marquez.)*

Ago*ga* ma*goto* vae ente*gague*-lhe os beijos que te deu minha mulhe*gue*.

TODOS *(Rindo muito.)*

Bravo ! bravo !

MARQUEZ *(Pondo-se na defensiva.)*

Abrenuntio !

BENTO *(Amofinado.)*

Vou jantar.

D. ALVARO

Que scena!

CONEGO

Bôa, bôa.

O marquez dá o braço a D. Joanna e dirigem-se para a sala de jantar; seguem-nos a condessa, o marquez, Maria, e os restantes demoram-se á porta nos comprimentos de precedencia.

D. IZIDORO

Então...

D. ALVARO

Vamos sr. conego.

CONEGO

Primeiro a nobreza.

D. IZIDORO

Não senh*ogue* p*eguimeigo* o c*lego*, á antiga.

CONEGO

Não consinto.

BENTO *(Aproveitando a indecisão, toma a dianteira, gritando.)*

Ávante o povo! *(Revira-se n'uma affectada mesura, com um sorriso velhaco)* Á moderna. *(Todos riem.)*

Desce o pano.

ACTO II

SCENA I

A porta da sala de jantar está aberta e vêem-se sentados junto da mesa, D. Alvaro e D. Isidoro; Jayme e o marquez, estão de pé. Parece que a palestra corre animada. Tambem se acha aberta a sala do bilhar, cujos candieiros José Francisco acaba de regular, quando o pano se levanta. A scena conserva-se illuminada como no final do 1.º acto.

VISCONDESSA, CONDESSA, MARQUEZA
E DEPOIS BENTO

VISCONDESSA

Sim eu adoro Paris, em tempo de paz, mas os dias horriveis que ultimamente alli passei...

CONDESSA

Calculo.

VISCONDESSA

Pobre França! *(Pequeno silencio.)*

CONDESSA

A viscondessa de Alcoutim demora-se em Lisboa?

VISCONDESSA

Duas semanas, minha senhora.

MARQUEZA

Só?

VISCONDESSA

O Henrique não poude deixar a legação; o ministro está ausente, ficou elle *chargé d'affaires.*

CONDESSA

Não fui hoje procural-a como tanto desejava, porque a minha gota...

VISCONDESSA

Ó minha senhora...

BENTO *(Saindo da sala de jantar, com as mãos na cabeça.)*

Que berraria! Sempre a mesma disputa: 34 para aqui, 46 para alli, malhados e patuléas e os Cabraes .. Ai! que massada! *(Repara na viscondessa, faz-lhe uma mesura e dirigindo-se á condessa, cheio de importancia.)* Não me apresenta minha joia?

CONDESSA

Confiado.

VISCONDESSA *(Assestando o lorgnon.)*

Não me recordo...

BENTO *(Faz outra mesura e conservando a maior gravidade.)*

Sou o Bento da Soledade Antonio...

VISCONDESSA *(Com benevolencia.)*

Ah!

BENTO

Amigo mui antigo d'esta casa, já do tempo da sogra da sr.ª condessa, a sr.ª condessa velha D. Antonia. Que respeitavel pessoa! Jogava comigo a zanga, a rebuçados d'alteia e berravamos immenso. Coitadita! Ainda ajudei a muita missa do sr. principal Lyra, tio d'estes fidalgos; e fui o braço direito do sr. conde D Vasco, o meu maior amigo. Que saudades! *(Com um ar importantissimo)* Toda a gente me conhece e graças a Deus, respeitam-me muito. A sr.ª infanta D. Isabel Maria — sou muito de Bemfica — leva-me para a sua quinta da Amóra, chama-me: «o nosso Bento» — não é assim sr.ª condessa? — como se eu pertencesse á familia real! E a sr.ª infanta é todas de pontinhos, á antiga. Olhe, minha senhora: o sr. Duque da Terceira, meu grande amigo, dava-me *dom*: D. Bento para aqui, D. Bento para alli...

CONDESSA

Valha-te Deus!

BENTO

Convidava-me para o Sobralinho, passeiava comigo de braço dado. O João Tolo, mordia-se de inveja da minha pessoa V. Ex.ª conheceu o João Tolo? Que grande caturra, minha senhora! Eu mettia-o á bulha e elle arrenegava-se immenso, deitava-me a lingua de fóra... assim. *(Faz uma horrenda careta e deita a lingua de fóra.)*

CONDESSA

Safa-te.

BENTO

A sr.ª condessa da Póvoa, em noites de chuva, mandava-me buscar na sua carruagem, para a partida de cassino.

VISCONDESSA

Pois sr. D. Bento...

BENTO

Que graça!

VISCONDESSA

Estou encantada de ter feito o seu conhecimento.

BENTO

Saiba minha rica senhora, que é elegantissimo pertencer ao numero das pessoas das minhas relações e amisade Se eu lhe fallar na rua, de chapeu na mão, tomam-na logo por uma fidalga antiga. Sei distinguir. Hoje, em dia, viver nas minhas boas graças, equivale a ter o brazão dependurado na sala dos veados. Essa negociantada de pretensões afidalgadas, faz-me a côrte. Dá bom tom a minha companhia. Posso acceitar um jantar bem feito — lá de longe em longe — a algum barão ou visconde, senhor de loja de bacalhau ou donatario de casa de descontos, mas.. não lhes dou importancia.

VISCONDESSA *(Rindo.)*

Sim?

BENTO *(N'uma mesura)*

Que graça! *(Dirige-se a Maria que entra em scena n'esse instante, e baixinho, com ar de velhaco.)* O' menina, esta viscondessa parece-me titular de hontem á meia noite. *(Sae.)*

SCENA II

MARQUEZA, VISCONDESSA, CONDESSA, MARIA, E DEPOIS CONEGO, D. JOANNA E JAYME

MARQUEZA

Não conhecias isto ?

VISCONDESSA

Quem é ?

MARQUEZA

Uma pobre de lausperenne que veiu hontem procurar a sr.ª condessa, definiu muito bem o celebre Bento: «um papa-jantares que *adiverte* os fidalgos.»

CONDESSA *(Contrariada.)*

Jesus! que afflicção! Pobre Bento! É um caturra engraçadissimo.

MARQUEZA

Detesto o genero.

CONDESSA

Excellente pessoa, muito devoto, muito honrado, muito nosso amigo.

VISCONDESSA

Gosta muito d'elle ?

CONDESSA

Podéra! Coitadinho!... faz parte de tudo isto!

VISCONDESSA *(Dirigindo-se a Maria.)*

Tambem acha muita graça ao sr. Bento ?

MARIA

Sim, minha senhora.

D. JOANNA *(Acompanhada pelo conego, sae da sala do jantar.)*

Deus louvado! escapei hoje á minha enxaqueca.

CONEGO

Tenho sentido. ex.^ma^ sr.^a^, umas dôresinhas nos artelhos, prenuncio certo de mudança de tempo.

D. Joanna approxima-se, sorridente, do grupo das senhoras. O conego, a passos lentos, vae installar-se n'uma ampla poltrona collocada perto do fogão, cruza as mãos sobre o estomago e pouco a pouco vão-se-lhe cerrando as palpebras.

VISCONDESSA *(Para a marqueza)*

A tua filha está uma senhora.

D. JOANNA

E que linda senhora!

(Apparece Jayme e approxima-se do grupo das senhoras.)

MARIA *(Envergonhada.)*

Ó tia!...

MARQUEZA

Não a faça vaidosa...

D. JOANNA

D'aqui a nada é preciso arranjar-lhe um noivo.

VISCONDESSA

De certo...

MARQUEZA

Ella que o procure.

CONDESSA *(Rindo.)*

Diz muito bem.

MARQUEZA

Não faço nem desfaço casamentos. *(Maria a sorrir, lança um olhar significativo a Jayme)*

SCENA III

OS PRECEDENTES E BENTO

BENTO

Sr.[a] condessa, o andador de S Christovam, deseja fallar a v. ex[a]

CONDESSA

Esta boa gente não me deixa.

BENTO

Que massadór!

CONDESSA

Coitado! Pediu-me uma carta de recommendação para o padre Eleziario. *(Sae.)*

SCENA IV

MARQUEZA, VISCONDESSA, MARIA, JAYME, D. JOANNA CONEGO E BENTO

A este tempo, já D. Joanna veiu sentar-se ao bufete, póz os oculos de aros doirados e começou a folhear as illustrações, admirando demoradamente as estampas Maria toma tambem lugar junto do bufete, abre ao acáso um livro, folheia-o, distrahida, e ora finge dar attenção ás estampas que D. Joanna contempla, ora envolve n'um olhar cauteloso Jayme, que está encostado á espalda do sophá, occupado pela marqueza e viscondessa, collocado obliquamente no plano E, baixo da scena. O conego conserva-se na poltrona: de quando em quando pachorrentamente, esfrega as mãos pela testa, e com o lenço de seda vermelha enxuga o pingo do nariz; depois recruza as mãos sobre o estomago e torna a cerrar as palpebras. Ao fundo da scena, Bento, de mãos atraz das costas, dá umas voltinhas hygienicas, disfarçando os supplicios de uma digestão laboriosa; a breve trecho, porém, vem accommodar-se n'uma poltrona, perto do tremó, passeia o olhar desdenhoso sobre a sociedade, demorando-o n'uma e n'outra figura, que lhe suggere o commentario picaresco que se lhe advinha na expressão; desentala o palito da orelha e coça um ouvido, depois, n'um grande abandono, roe as unhas e acaba por dormir. De espaço a espaço, remeche-se, coça os joelhos — sempre de olhos fechados — e solta um «ai!» ou uma especie de grunhido. — Da sala de jantar saem murmurios de conversação animada, e os criados estão levantando a meza.

MARQUEZA *(Envolvendo Jayme n'um olhar docemente mysterioso.)*

Não sei se já conheces, o sr. D. Mysterio?

VISCONDESSA

Mudou de nome?

JAYME

Parece que sim.

MARQUEZA

Muito mau sujeito.

VISCONDESSA

Ah!

JAYME *(Dirige-se ao conego que está saboreando uma pitada de rapé, e bate-lhe no hombro.)*

Prepara-se para a soneca?

CONEGO

Não senhor. Lucto com os horrores da digestão e para acalmal-os, é mister repouso, conforme o conselho do epicurista e famoso poeta Horacio.

MARQUEZA *(Indicando Jayme, n'um sorriso de vaidade.)*

Galante...

VISCONDESSA *(Como pessoa que está bem ao facto da situação, sorrindo.)*

Destingué... sim.

Jayme vem sentar-se ao lado de Maria, ora conversa com ella ora folheia os livros e illustrações, que se encontram sobre o bufete. A marqueza e a viscondessa conservam-se no sophá.

D. JOANNA *(Passando para as mãos de Jayme uma estampa.)*

O filho, que linda rapariga!

VISCONDESSA

Parece uma santinha, a condessa.

MARQUEZA

Maçadora como todas as bemaventuradas personagens da côrte celestial. Boa em demasia, eivada porém, d'um mysticismo exaltado que aborrece.

VISCONDESSA

Pobre senhora!

MARQUEZA

Viaja ha setenta annos por este valle de lagrimas e mal o conhece. Todo o seu pensamento está no ceu. As tristezas e dissabores d'esta vida supporta-os, a sorrir, na esperança firme de que soffrendo, resignadamente, alcançará maior gloria no paraizo!

VISCONDESSA

Deliciosa crença!

MARQUEZA

Linda chimera o ceu!... Minha filha vae tomando o feitio da avó, reza pelo mesmo breviario; em nada se parece comigo. Deixo-a seguir o seu norte... Invejo todos os que crêem. Quem me dera poder acreditar.. O meu espirito, desgraçadamente, é muito positivo.

JAYME *(No mesmo lugar, junto do bufete, ao lado de* **Maria**, *lê, intencionalmente.)*

«Amôr é um fogo que arde sem se vêr
É ferida que doe e não se sente;
É um contentamento descontente;»

MARIA

Isso não.

JAYME *(Sorrindo, continúa a leitura.)*

«É dôr que desatina sem doer;
É um não querer mais que bem querer
É solitario andar por entre gente...»

SCENA V

OS PRECEDENTES, D ALVARO, MARQUEZ, D. IZIDORO E DEPOIS A CONDESSA

D. ALVARO *(Sae da casa de jantar, acompanhado do marquez e de D. Izidoro, e continuando uma discussão ha muito encetada.)*

Não está má liberdade! E acabaram com os morgados, porque?

JAYME *(Á Maria)*

Começa o avô a altercar... e tua mãe, d'aqui a nada...

MARQUEZ *(Á viscondessa.)*

Gosto immenso de a vêr n'esta sua casa.

D. ALVARO

E acabaram com os frades, porque?

D. IZIDORO

A evolução na sua ma*guec*ha...

BENTO *(Despertou á entrada de D. Alvaro; e approximando-se de D. Izidoro, com um sorriso velhaco.)*

A minha joia como revirou duas vezes a casaca...

D. ALVARO *(Exaltado.)*

Qual evolução nem meia evolução? Não posso com as tuas transigencias, Izidoro. Chama-lhe terremoto, cataclysmo. .

MARQUEZA *(Nervosa.)*

Abençoado cataclysmo!

D. ALVARO *(Exaltadissimo.)*

Mas explique-me, minha senhora, pelo amor de Deus...

D JOANNA

Que berraria!

D. ALVARO

... a obra d'essa gente que me cortou as dragonas, em Evora-monte? Derrocar souberam elles... e depois?

CONEGO

Apoiado!

MARQUEZA *(Impetuosamente.)*

Depois...

BENTO *(Com um sorriso velhaco, fazendo uma grande venia.)*

Peço a palavra sr.ª marqueza. *(A marqueza faz um remeneio queBento agradece com uma mesura.)* Ponderava monsenhor

D. Aleixo, com os oculos na testa, coitadinho! — lembra-se sr. D. Alvaro? — que Portugal antes da revolução era assim como... um palacio antigo, cheio de trastes velhos, porém regularmente conservados, ainda em bom uso...

MARQUEZA *(Para Jayme, aborrecida.)*

Detesto o bôbo.

BENTO

E depois da revolução, a casa tornou-se muito incommoda: falta de cadeiras e de sofás para a gente descançar; falta de mesas para a gente jogar e papar; falta de camas para a gente fazer *ó ó;* falta de bahus para a gente arrecadar o seu fatinho e o seu pãosinho; falta de tudo, santo Deus de misericordia! *(Dá uma fingida gargalhada)* Porque os revolucionarios, acrescentava D. Aleixo — Nosso Senhor o tenha sentado á sua mão direita, que mui engraçada creatura era elle! *(Rindo muito e achando muita graça á sua pessoa)* — deitaram os cacareus velhos pela janella fóra e não souberam depois... *(Com petulancia, apontando para a marqueza.)* — aqui tem o *depois*, sr.ª marqueza — adquirir mobilia nova para o casarão... E o casarão — está visto — ficou peor do que d'antes...

D. ALVARO

Apoiado!

BENTO

Muito agradecido, minha joia. *(Tomando o braço do marquez.)* O menino, o *Portugal Velho*, gostou immenso do meu auxilio.

A condessa entra em scena e começa a preparar a mesa do jogo. Bento corre a ajudal-a.

MARQUEZA *(Com ironia.)*

D. Bento é um adversario muito forte.

CONEGO

Temivel!

MARQUEZA

Falta-me o animo para questionar com sua senhoria.

BENTO

Que graça!

A condessa vem offerecer uma carta ao conego que a recebe n'uma profunda venia; offerece outra a Bento; os tres tomam lugar á mesa do jogo e começam a partida.

D. ALVARO *(Ainda carrancudo, esfregando as mãos; a meia voz)*

Contra factos não ha argumentos.

MARQUEZA *(Para Jayme.)*

Não se póde discutir com estes senhores.

D. IZIDORO *(Acercando-se da mesa do jogo, affinca uma cacholeta no Bento)*

Com a ma*gu*equeza é que eu te qu*ego*.

MARQUEZ *(Acercando-se da mesa do jogo)*

Joga-se o voltarete?

D. JOANNA

Um bocadinho de musica, Maria.

MARIA

Que ha de ser?

JAYME

A sonata de Mozart.

Maria senta-se ao piano e executa a sonata. D. Joanna está sentada ao lado do piano, toda absorvida pela musica; de quando em quando marca o compasso com o leque de marfim. D. Alvaro acha-se junto do bufete, lendo um jornal. A marqueza e a viscondessa do lado D. da scena, palestram animadamente. Os parceiros do voltarete continuam a sua partida.

JAYME *(Approxima-se da marqueza.)*

Veja lá se lhe vem ar, d'aquella porta; depois começa com as suas imaginações.

O marquez deixa os jogadores e approxima-se do grupo, constituido pela marqueza, viscondessa e Jayme.

MARQUEZA

Não *(Para a viscondessa)* Este senhor tem muitos cuidados na minha saude.

JAYME

Nada mais natural.

VISCONDESSA

E agora, como vae isso ?

MARQUEZA

Cada vez peor.

MARQUEZ

Nervos e mais nervos.

JAYME

Alguma imaginação...

CONEGO

Peço licença.

BENTO

Prefiro.

VISCONDESSA

Tem consultado ?

MARQUEZA

Uma duzia de medicos.

MARQUEZ

Em nenhum tem fé. Não segue tratamento algum. Ha poucos dias, quando o dr Menezes a auscultava, desmaiou. Chora, ri, durante as consultas, amofina-se, disparata...

MARQUEZA

Melhor.

VISCONDESSA

Que dizem elles ?

JAYME

Nervos e mais nervos.

MARQUEZA

Aqui está porque não os acredito. No verão passado, em julho, n'uma bella tarde, estava lendo no meu quarto, sentia-

me em excellente disposição. *(Altera-se-lhe physionomia na evocação do transe; está agitada, nervosa, vibrante de terror.)* De repente — sem mais nem menos — crava-se-me uma dôr — ai! que dôr! — medonha, horrivel, no peito. *(Espalma a mão direita sobre o esterno.)* Aqui. *(Cada vez mais nervosa, levando a mão ao hombro esquerdo.)* Galga-me o hombro; *(Correndo a mão direita, com grande rapidez, sobre o braço esquerdo.)* e corre por aqui abaixo. Que afflicção! Quasi asphyxiada.

VISCONDESSA *(Condoida.)*

Ah!

MARQUEZA

A vida a fugir... sentia a vida a fugir-me! Que horror! Tiveram de me applicar, não sei quantas ventosas, metteram-me o braço em agua quente... um supplicio infernal! Os nervos não se tratam com ventosas. *(Amargamente.)* Isto é doença que mata. Meu pae morreu de um ataque muito semelhante.

JAYME

Forte scisma! *(Vae encostar-se ao piano.)*

MARQUEZ

Meu sogro, coitado, padecia do coração, creio eu, tu sempre tiveste e conservas esse orgão em magnifico estado.

MARQUEZA *(Com profundo desdem.)*

Melhor. *(Affectando cynismo.)* Tambem deixa-l'o. Não me rala a ideia de morte. A massada está em padecer.

MARQUEZ

Disparate. *(Dirige-se para os jogadores.)*

MARQUEZA *(Preoccupada.)*

Receio a todo o instante um novo ataque. De dia, de noite — que pavor!... — Não quero pensar n'estas tolices.

MARQUEZ *(Pousando as mãos sobre os hombros de Bento.)*

Ganhas ou perdes?

BENTO

Não me enguice, lindo. *(Palmeando Maria que terminou a sonata.)* Muito bem, minha joia.

D. JOANNA

Bravo!

D. ALVARO *(Tem continuado a lêr o seu jornal, e de aspecto severo, batendo com a mão sobre o bufete.)*

Attenção! *(Lê.)* «Foi agraciado com o titulo de visconde de Sereleis, o sr. José Martins Rodrigues, acreditado negociante da nossa praça.» *(N'um movimento de desdem, atira o jornal para cima do bufete.)* A que estado isto chegou!

D. JOANNA *(Muito placidamente, sorvendo uma pitada.)*

Bem sei, é o droguista.

D. IZIDORO

M*og*ad*ogue* na nossa *gua*.

D. ALVARO *(Solemnissimo)*

Quando Vasco da Gama regressou da India, recebeu o habito de Christo.

D. IZIDORO

Este paiz está p*egue*dido!

CONEGO

É necessario pois, salval-o, D. Izidoro.

MARQUEZA *(Estomagada, nervosa.)*

Julgo mais digno de honrarias—se ainda envolvem alguma significação—o industrial, o artista, o sabio, o funccionario, o soldado...

D. ALVARO *(Nervoso.)*

Convenho.

MARQUEZA

... emfim, todos os que trabalham com honra e proveito para o seu paiz;

D. ALVARO

Convenho.

MARQUEZA *(Com petulancia.)*

... sejam burguezes ou plebeus — do que qualquer senhor patarata empregaminhado, que leva a vida a resomnar, á sombra dos louros conquistados ha mil e quinhentos annos pelos seus avoengos.

D. ALVARO *(Com a voz ligeiramente tremula, mas procurando dominar-se.)*

Convenho Honra seja dada ao merito. A legitima nobreza, essa que não se compra, começa no momento em que um caracter forte e elevado se assignala. Era assim hontem... hoje reina o ouro, de parçaria com a galopinagem politica. O merito de bom quilate, salvo raras excepções, vive na sombra. Paciencia! *(Com ironia.)* O dinheiro está valendo muito mais do que as bullas, porque não só absolve os crimes, mas tambem substitue todas as virtudes, todos os talentos! Tem graça!

MARQUEZA

Sempre assim foi.

D. ALVARO *(Exaltando-se)*

Perdão, minha rica senhora, nem sempre assim foi — louvado seja Deus!

JAYME *(Tem assistido visivelmente contrariado á disputa; procurando atalhal-a, toma com meiguice o braço de D. Alvaro.)*

Vamos a uma partida de bilhar?

D. ALVARO

Tambem me parece melhor.

JAYME

Emquanto não apparece o seu antigo camarada e nosso amigo...

MARQUEZ

Capitão Tello. É d'appetite o capitão !

VISCONDESSA

Outro caturra ?

MARQUEZ

Faz muitas charadas politicas, em verso de pé quebrado, coitadinho !

JAYME

Vamos, tio Izidoro.

D. IZIDORO

Uma pa*gue*tida de bilha*gue ;* sim senho*gue.*

Jayme, D. Alvaro, o marquez, e D. Izidoro saem para a sala de bilhar.

SCENA VI

MARQUEZA, VISCONDESSA, MARIA, CONDESSA, BENTO, CONEGO E D. JOANNA

MARQUEZA

Que bello rapaz ! Anda sempre com uns cuidados, com umas attenções para comigo. Reparaste ? Logo imaginou um pretexto, para evitar a birrasinha em perspectiva. Sabe que me irritam estes desconchavos...

VISCONDESSA *(Sorrindo com intenção reservada.)*

Tontinha.

CONDESSA

Ó Maria ! *(Maria approxima-se da condessa, escuta um segredo e sae.)*

SCENA VII

OS PRECEDENTES EXCEPTO MARIA

A condessa, o conego e Bento, continuam a sua partida. D. Joanna sentada proximo da condessa, observa o jogo. Na

sala do bilhar os outros jogadores tambem disputam a sua partida. Bastante isoladas das outras figuras, e no plano E. baixo, da scena, commodamente installadas, para uma larga palestra, acham-se a marqueza e a viscondessa.

MARQUEZA *(Encantada.)*

É o meu anjo bom, o Jayme!

VISCONDESSA *(Em tom prophetico, algo pedante.)*

Quem sabe!

MARQUEZA *(N'um risinho nervoso, um pouco agitada, respirando mais alto e procurando dominar o resto de acanhamento pudico que, em geral, não desacompanha de todo, o momento de iniciar uma confidencia mais escabrosa.)*

Queimaste as minhas cartas?

VISCONDESSA

Cumpri as tuas ordens.

MARQUEZA

Precisava desabafar. Não me fio em outra amiga...

VISCONDESSA

Lindas cartas! Não se descreve uma paixão com melhor colorido. A Rachel apaixonada!

MARQUEZA *(Com ar resignado.)*

Chegou-me a vez.

VISCONDESSA

É tributo que todos pagam; mais tarde, mais cedo...

MARQUEZA

É tão bom amar! Agora estimo a vida, sorri-me cheia de encantos novos e afinal... apenas acaricio uma esperança!

VISCONDESSA

E tanto basta.

MARQUEZA

Lancei á margem os pessimistas e os philosophos cynicos; adoro Lamartine, Chateaubriand, Fuillet, Staël .. *(N'outro tom.)* Um pensador francez — não me occorre agora o seu nome — affirma que a unica verdade incontestavel é que a verdade não existe. Ora muito bem... se tudo é mentira — e não duvido — parece-me de melhor gosto, acceitar as petas alegres.

VISCONDESSA *(Rindo)*

Agora com o Lamartine e a Staël vieste recordar o nosso bom tempo do collegio. Que saudades Rachel! Devoravamos ás furtadellas paginas e paginas de quanto poema e romance nos apparecia; e devemos confessar, que as taes leituras nos suggeriram, muitas vezes, phantasias bizarras.

D. JOANNA *(Deixa a meza de jogo, e sorvendo pachorrentamente a sua pitada, approxima-se da marqueza.)*

Em que palestram estas senhoras?

VISCONDESSA *(Com ar muito ingenuo.)*

Recordações da nossa vida conventual, em Paris.

D. JOANNA

Oravam muito?

VISCONDESSA

Pelo breviario de Victor Hugo.

D. JOANNA *(Na maior sinceridade.)*

Creio que está prohibido.

VISCONDESSA *(Ingenuamente.)*

Muita lagrima sincera nos arrancou.

D. JOANNA

Ah! quando eu ia ao theatro tambem chorava muito. No meu tempo escreviam-se peças optimas e muito serias e apparatosas : a *Prophecia*, o *Templo de Salomão*, o *Fr. Luiz de Sousa*. Se bem me lembro a *Prophecia* até mettia camelos e outros animaes! E o meu rico *Fr. Luiz de Sousa?* Muita

lagrima lhe dei, diluvios de lagrimas. Só o medo que me inspirava o Romeiro, com as suas longas barbas brancas, a apontar para o retrato! Que medo! E o incendio como era lindo! os sinos a tocarem a rebate... E quando a pequenita entrava no ultimo acto a chorar, desvairada: *(Tomando uma pose theatral, declamando.)* «Que ceremonias são estas! Ó meu pae! ó minha mãe!» *(N'outro tom.)* E os frades a cantarem *(Erguendo mais a voz.)* Ó sr. conego o que cantavam os religiosos no *Frei Luiz de Sousa?*

CONEGO

O *De profundis*, ex.ma senhora.

D JOANNA

O *De profundis*, e o orgão gemia... Como era bonito! A gente sentia um calafrio nas costas. Ai como eu chorava! E caía tudo abaixo com palmas... e sonhava-se com a peça umas poucas de noites. Que saudades!

MARQUEZA

Tudo passa.

VISCONDESSA

Lembras-te, quando representamos, a sós, no nosso quarto, a scena do balcão de Romeu e Julietta?

MARQUEZA

Ha quantos annos!

D.-JOANNA

Representaram no convento! Eu fui mais de uma vez comparsa no theatro Thalia, mas no convento... que escrupulo!

MARQUEZA

A Julietta era eu, tu o Romeu.

D. JOANMA

V. ex.a vestiu-se d'homem?

VISCONDESSA

Pouco mais ou menos.

MARQUEZA

Vejo-te como se fôra n'este instante: envolta n'um chale branco, o guarda sol atado á cintura, á guisa de espadalhão, um chapeu de papel com plumas...

D. JOANNA *(Rindo a bom rir.)*

Que caturreira!

MARQUEZA

... a declamares enthusiasmada, esses deliciosos versos vibrantes de paixão.

VISCONDESSA

Por fim cahi nos teus braços, tu choravas como uma Magdalena e eu tambem.

MARQUEZA

Depois rimos immenso.

D. JOANNA

Essas brincadeiras n'um convento, não approvo.

VISCONDESSA

Agora dou-lhe toda a razão, minha senhora.

BENTO *(Dando um forte murro sobre a meza, fulo.)*
Renunciou, tem de repôr o bolo

CONEGO *(Apaziguando Bento.)*

Dura lex sed lex.

D. JOANNA *(Vem sentar-se junto da condessa que continúa jogando.)*

Não ouviste Maria?

CONDESSA

Não.

D. JOANNA

A viscondessa embrulhada n'um chale, com o chapeu de sol á cinta. *(E sorrindo e fazendo sorrir a condessa, pratica com ella uns momentos e depois entretem-se a observar o jogo.)*

MARQUEZA

Já admiraste uma pega mais bizarra ?

VISCONDESSA

Coitada...

MARQUEZA *(Após um brevissimo silencio, novamente agitada e nervosa.)*

Agora serio... o'meu romance.

VISCONDESSA

É um romance. Uma incomprehendida, um primo... versos e suspiros... *(Assumindo uma affectada gravidade.)* Ó filha não devo fallar comtigo n'esse assumpto.

MARQUEZA *(Rindo.)*

Deixa-te de tolices...

VISCONDESSA

Tolices ! Essa cabeçita é um vulcão.

MARQUEZA

O Vesuvio, por exemplo.

VISCONDESSA

Sr.ª marqueza, minha senhora, prudencia... A *lamartinite* é doença perigosa .. cuidado...

MARQUEZA *(Quasi impacientada.)*

Que falta de conhecimento do meu caracter ! Não sou nada romantica. *(Ri muito a viscondessa e a marqueza insiste.)* Não sou nada romantica. O amor é uma lei natural. O meu espirito sempre foi bastante independente para sujeitar-se a convenções hypocritas. *(Rindo.)* Se a gente não gosa n'esta vida... *Et apres la mort...*

VISCONDESSA

Le medecin.

MARQUEZA *(Galhofando.)*

Qual brincadeira ! *Apres la mort le neant.* A morte é um

somno sem sonhos. Não tenho medo do inferno. Acho encantadora a lenda. O Dante com os seus demonicos, serpentes e outros bicharocos, diverte-me immenso. Que ratões! *(Com gravidade affectada.)* Nota: eu estimaria que existisse de facto uma vasta caldeira de Pedro Botelho, para deitar para lá o José .. e mais umas poucas de figuras.

VISCONDESSA *(Affectando seriedade.)*

Rachel!

MARQUEZA *(Continuando a galhofar, nervosamente.)*

Não faças cara feia Tu, meu amôr, foste mais feliz do que eu, casaste a teu gosto. Ainda bem Se vivesses a vida inteira amarrada a um sapo como o José ..

VISCONDESSA

Coitada!

MARQUEZA

Detesto-o physica e moralmente. E' feio como um macaco, piegas, desastrado, frivolo, tem espertezas de rato e uma completa ausencia de espirito. Nunca soube comprehender-me; *agaça me* os nervos Os seus encantos são os bôbos e as dançarinas gordas... muito gordas e oleosas. Para cumulo cheira-lhe mal a boca.

VISCONDESSA

Mas, que horror!

MARQUEZA

Diante de gente — não ha outro remedio — ainda lhe tolero que me beije a mão; *(Com uma expressão de nojo)* mas, corro a ensaboal'a immediatamente, a perfumal'a de essencias fortes: de contrario ficaria a scismar todo o resto do dia que estava impregnada de olôres nauseabundos, de ovo podre! N'um inferno vivo eu! Não encontro alma dedicada n'esta casa!

VISCONDESSA

E tua filha?

MARQUEZA

Essa... sim. *(Breve pausa.)* Coitada! Por sua e minha desgraça, tambem é filha do José. Pertence mais aos Lyras do

que a mim. E eu detesto toda esta gente. Alguns são excellentes creaturas, confesso, almas immaculadas ; porém, é tão heterogenea a nossa maneira de pensar, de sentir, de proceder ! Educações muito diversas, idéas muito oppostas. O accordo torna-se impossivel Eu nunca poude acclimar-me a este ambiente ; elles tambem — valha a verdade ! — nunca tomaram geito comigo Este palacio sinistro, escuro, restaurado com o meu dinheiro... sinto que não é o meu lar, o meu ninho Não tenho tradições e as tradições alheias não me interessam. Esta familia não é a minha familia. Não dou valor aos seus heroes nem ás suas lendas *(N'um sorriso desdenhoso.)* Os retratos velhos, as armas ferrugentas, os azulejos frios, os trastes antigos, os sombrios estofos, o buxo dos jardins, os santos da capella, os livrecos decrepitos da bibliotheca, as costumeiras aristocraticas, os requebros e cortezanias *à Regence*, emfim, todas as velherias de que consta este verdadeiro museu de excentricidades, quando não me escurecem a alma e afogam a alegria... dão-me uma impressão de ridiculo, de farça do seculo passado... *(Desata a rir)*

D. JOANNA *(Está sentada perto dos jogadores.)*

Como ellas riem, coitadinhas !

VISCONDESSA

Comprehendo.

MARQUEZA *(Com o olhar illuminado e uma expressão de grande ternura.)*

Foi o Jayme a unica pessoa que me agradou, apenas entrei n'esta casa. Era então um pequenito... lindo como um anjo, traquinas, endiabrado .. Gostou sempre de mim. Brincava com elle, ajudava-o a estudar. Quem me havia de dizer... *(Muito convencida e lisonjeada)* Coitado ! Advinha-me os pensamentos. *(N'um sorriso meigo.)* E' um bello rapaz !

VISCONDESSA

Que enthusiasmos ! que enthusiasmos !

MARQUEZA

A sua conversa é o meu encanto Quem me dera passar dia e noite, a vida inteira a ouvil'o! Conto-lhe e reconto-lhe

as minhas apprehensões, os meus pezares, desabafo... elle dá-me palavras tão consoladoras! falla-me dos seus projectos, dos seus estudos, discutimos arte, litteratura, politica... *(N'um tom rapido, sorrindo.)* Não sei... gosto d'elle, morro por elle...

VISCONDESSA

Por desgraça tua e talvez d'elle, minha pobre Rachel!

MARQUEZA *(N'um tom muito romantico, com os olhos em alvo.)*

Seja um engano d'alma ledo e cego... mas que a fortuna o deixe durar muito... *(Breve silencio.)*

SCENA VIII

OS PRECEDENTES E JAYME

JAYME

Tem-se conversado muito?

MARQUEZA

Você deitou-nos á margem...

JAYME

Duas intimas que não se encontram ha muito tempo ..

VISCONDESSA

Têem sempre que dizer.

JAYME

E um importuno...

VISCONDESSA *(Protestando amavelmente.)*

Ah!...

MARQUEZA

Sabes: ficou classificado em primeiro logar, no concurso para secretario da legação.

VISCONDESSA

Diplomata? Viva...

MARQUEZA

Tem toda a linha...

JAYME

Esta Rachel está constantemente a caturrar comigo.

VISCONDESSA

Sim? Ella *taquina-o?*

MARQUEZA

Afinal não é mau rapaz...

JAYME

Muito obrigado... *(Faz uma cortezia de brincadeira e dirige-se para a meza do jogo.)*

VISCONDESSA

Um bocadinho acanhado, hein?

MARQUEZA

Talvez... Quando está menos á sua vontade — elle comtigo faz ceremonia — retrae-se um pouco.

JAYME

Tratam-n'o bem sr. conego?

CONEGO

Menos mal, sim senhor.

VISCONDESSA *(Muito confidencialmente, com um sorriso.)*

Continuam... *(A marqueza tem um sorriso melancolico e encolhe os hombros.)* mysteriosos? Elle não ousou...

MARQUEZA

Duas almas que se amam, comprehendem-se, mesmo, sem pronunciar uma palavra de amor. Sinto impaciencias, é verdade... arrelia-me o silencio — o tempo passa, foge .. ámanhã envelheço. — *(Sorrindo.)* Ao mesmo tempo encanta-me a sua timidez, lisonjeia-me até; faz-me ternura...

SCENA IX

OS PRECEDENTES E MARIA

CONDESSA *(A Maria.)*

Fez o que lhe pedi, minha filha?

MARIA

Sim minha senhora.

Jayme e Maria sentam-se perto do tremó e não muito afastados da meza do jogo. A marqueza e a viscondessa continuam no mesmo logar onde encetaram as suas confidencias.

JAYME

Por onde tem andado a minha dona?

MARIA

Fui rezar com a familia.

VISCONDESSA

Elle tem o maior geito com a tua filha.

MARQUEZA *(Sem a menor hesitação.)*

Immenso. Parecem irmãos. Ora, creados na mesma casa, póde dizer-se, convivendo todos os dias.

MARIA *(A Jayme.)*

Que é feito d'esses senhores?

JAYME

Jogam o bilhar. Levei-os d'aqui para evitar uma sensaborissima birra, a proposito de nobrezas e...

MARIA

Exaltam-se immediatamente.

JAYME

Tua mãe está cada vez mais nervosa; o avô, coitadito' sempre exaltado em lhe vibrando certas cordas. Receio a

todo o instante algum conflicto desagradavel. Isso para nós poderia ser obra séria...

MARIA

Muito seria. *(Vae para o piano, e começa a dedilhar uma melodia sentimental. Jayme está encostado ao piano)*

JAYME

A Rachel precisa de ser levada com muito tento.

MARQUEZA *(Insistindo com a viscondessa.)*

Mas que te parece?

VISCONDESSA

Um pouco concentrado... pelo menos...

MARQUEZA *(Contrariada.)*

Querias que andasse por ahi a dar escandalo?

VISCONDESSA

Eu não quero coisa alguma...

MARQUEZA

É o seu feitio.

VISCONDESSA

Antes assim.

MARQUEZA

Mas não tens notado, como elle deligenceia afastar tudo, quanto sabe que me incommoda.

VISCONDESSA *(Condescendendo)*

Sim...

MARQUEZA *(Desanimada.)*

Um sim tão sensabor! *(Agitada, nervosa.)* Dize a verdade: desconfias que elle não goste de mim.

VISCONDESSA

Como posso advinhar?

MARQUEZA *(Com insistencia, bastante alterada.)*

Dize, dize o que te parece...

VISCONDESSA

Ó minha filha, socega.

MARQUEZA

Esta duvida—sim, eu muitas vezes duvido — esta duvida mata-me. Mais de uma vez intentei provocar-lhe uma confidencia.

VISCONDESSA

Creança !

MARQUEZA

Fallece-me o animo. A timidez d'elle — segundo creio — suggere-me timidez. *(Encolhendo os hombros)* Uma demencia. Vem um ensejo : não sei aproveital-o. Por fim, desapparece... só então comprehendo que perdi mais uma opportunidade, só então apercebo a maneira porque deveria utilisal-a. Ora bolas !

VISCONDESSA

Antes assim.

MARQUEZA

Isto é para enraivecer um santo ! Ás vezes sinto vontade de me arrepellar e de morder o rapaz. *(Ri.)* Quem me dera que elle fosse... um pouco ousado. E d'ahi .. talvez, não. *(Com um sorriso de esperança.)* Hoje adiantou que tinha um segredo. Um segredo, filha ! Que mysterios ! que mysterios ! Pareceu-me commovido—prompto—fugiu-me o sangue frio. Elle estava pallido... *(Encolhendo os hombros, resignadamente.)* empallideci tambem.

VISCONDESSA

Dois malucos !

MARQUEZA

Afinal, depois de longa trabalheira, disse-me que a sua felicidade, talvez dependesse de uma palavra minha...

D JOANNA *(Tem estado a dormir e desata a berrar, agitando muito as mãos.)*

Ai! ai! ai!

MARQUEZA *(Perdida de susto, tremula, quasi suffocada)*

Ai!!!

JAYME

Está incommodada minha senhora?

D. JOANNA *(Abrindo muito os olhos e compondo o penteado)*

Ai! Mãe santissima! Onde estou?

BENTO

Foi o pesadelo do costume.

SCENA X

OS PRECEDENTES, D. IZIDORO, MARQUEZ E D. ALVARO

D. IZIDORO

Que succedeu?

D. JOANNA *(Rindo muito.)*

Ora, ora, não ha uma coisa assim! Calculem! Sonhei que o Joaquim mulato, lá de casa, me havia precipitado da torre de S. Vicente! *(Riem todos)*

D. IZIDORO

Que catu*gueiga!*

MARQUEZA *(Á viscondessa.)*

Até dormindo me incommodam

Ouve-se tossir na casa de espera e um arrastar de muleta.

MARQUEZ

Approxima-se o convencionado.

SCENA XI

OS PRECEDENTES E TELLO

TELLO *(Ampara-se a uma muleta e a uma bengala de canna da India, de castão de marfim. O seu aspecto é severissimo, nunca se permitte sorrir. Faz a sua entrada com grande solemnidade, a passos lentos, de cabeça erguida; pára a meio da sala, comprimenta com uma especie de continencia militar, de superior para inferior.)*

Criado de *vocellencias. (Vae comprimentar os parceiros do voltarete.)*

D. ALVARO

Isto são horas?

TELLO *(Distribuindo comprimentos.)*

Criado de *vocellencias. (A D. Alvaro.)* Já apresento explicações de tomo, ao meu velho amigo e camarada.

D. IZIDORO

Isto são ho*gas*?

TELLO *(Sempre severo e imperturbabel.)*

Já me explico. *(Aperta a mão á marqueza.)* Criado de *vocellencia. (Perfila-se diante da viscondessa e repete a continencia militar.)*

MARQUEZ

A viscondessa dá licença que lhe apresente o nosso honrado amigo, sr. capitão Tello?

TELLO

Diga o nome todo.

MARQUEZ

Julio Marques...

TELLO

d'Abreu Tello, criado de *vocellencia. (Aperta a mão que lhe estende a viscondessa e faz-lhe outra continencia.)*

VISCONDESSA

Estimo muito fazer o seu conhecimento.

MARQUEZ *(Com affectada seriedade.)*

Pessoa respeitabilissima...

D. IZIDORO

*Gu*espeitabilissima...

TELLO

Obrigado.

MARQUEZ

Leal servidor do sr. D. Miguel.

TELLO

Tenho n'isso muita honra.

MARQUEZ

Portou-se como um valente no cerco do Porto, onde um estilhaço lhe levou o calcanhar esquerdo.

TELLO

Na acção de 25 de julho de 1833.

MARQUEZ

Foi necessario, amputar-lhe o pé.

TELLO

Sim senhor; tenho n'isso muita honra. *(Dirigindo-se a D. Alvaro, sempre grave e solemne.)* Vamos ao nosso gamão, meu velho amigo?

D. ALVARO

Parece-me tarde, meu velho camarada e amigo.

TELLO

Jogaremos ámanhã se Deus quizer.

MARQUEZA *(Para a viscondessa.)*

Vou lavar as mãos; tenho immenso nojo do convencionado: cheira sempre a tabaco. Vem comigo. *(Sae acompanhada pela viscondessa.)*

SCENA XII

OS PRECEDENTES EXCEPTO A VISCONDESSA E A MARQUEZA

BENTO *(Comicamente indignado.)*

Isto são horas sr. capitão?

TELLO *(Sereno e aborrecido.)*

Não brinque comigo; não lhe acho graça, sr. Bento. *(Dirigindo-se a D. Alvaro.)* O nosso D. Jorge está com um ataque d'asma.

D. ALVARO

Sim? Coitado!

TELLO

Fui saber d'elle. Fui tambem despedir-me do nosso padre Mourão, que partiu para o norte *(Em tom mysterioso.)* em missão secreta.

D. ALVARO

Ah!

TELLO

Em summa: tive de conferenciar com o nosso marquez, que me prendeu até agora.

D. ALVARO

Está explicada a sua demora.

D. IZIDORO

Consp*iga*do*gue*...

MARQUEZ *(A Jayme e Maria)*

Que fazem estes rapazes?

JAYME

Palestram.

MARQUEZ *(Approxima-se da meza do jogo.)*

E a maman ganha?

CONDESSA

Não, meu filho.

BENTO

Sr. capitão, v. s.ª poderá dar-me noticias do seu antigo calcanhar?

TELLO

Canta que logo bebes. *(Muito confidencialmente a D. Alvaro.)* A'manhã, ás tres horas, reunimos no escriptorio da Nação. El-Rei escreveu ao lugar-tenente.

D. ALVARO

Ah!

TELLO *(Em voz mais alta ameaçadora.)*

A liquidação está mais proxima do que imaginam...

D. ALVARO

Em França, já ninguem se entende com os revolucionarios.

D. IZIDORO

Sim, voltam-se as attenções para o Chambo*gue.*

D. ALVARO *(Com intimativa.)*

Elle lá está no seu posto.

TELLO *(Todo enthusiasmado, berrando e batendo com a bengala no chão.)*

Intransigente, intransigente.

D. ALVARO *(Enthusiasmando-se.)*

Agarrado á bandeira branca!

MARQUEZ

Não passa de um egoista.

D. ALVARO e TELLO *(Ao mesmo tempo.)*

Henrique V!!

MARQUEZ

Tomara elle que o deixassem.

D. ALVARO *(Aborrecido.)*

Tu és pateta, homem...

TELLO *(Encolhe os hombros, envolve o marquez n'um olhar de profunda piedade.)*

Valha-o Deus!... marquezinho!

José Francisco e outro criado começam a servir o chá

SCENA XIII

OS PRECEDENTES, MARQUEZA E VISCONDESSA

MARQUEZA

O tempo mudou. Tenho-me sentido mais incommodada desde ha bocado. *(Passando, vagarosamente, a mão direita sobre o braço esquerdo.)* O peor é a tal impressão no braço...

VISCONDESSA

Dôr?

MARQUEZA

Imagina: uma ponta de estilete, muita fina, muito aguda... *(Correndo a mão direita sobre o braço esquerdo, desde o omoplata até á mão, que depois esfrega.)* a correr pelo eixo do braço ..

VISCONDESSA

É esquisito!

MARQUEZA *(N'outro tom.)*

O frio abrandou; se vem por ahi uma trovoada então fico perdida...

A partida de cassino termina.

TELLO *(Após profunda meditação, ergue a cabeça, severo e solemne, bate com a bengala no chão.)*

Lá vae uma *(Todos se acercam do capitão.)*

D. IZIDORO

Venha ella.

MARQUEZ *(Contentissimo, esfregando as mãos; dirigindo-se á viscondessa.)*

Temos charada, oiça.

TELLO *(Solemnissimo.)*

N'uma piuga ou n'uma rede—*(Espeta dois dedos)*—duas:
Para fazer compaixão,

MARQUEZ

Quantas?

TELLO *(Espetando um dedo.)*

Uma.—Agora o conceito:
Has de achar este politico
Que é um grande maganão.

MARQUEZ

Parece-me difficil.

TELLO *(Arrenegado.)*

Qual historia! Está clarissima.

MARQUEZ *(Para a viscondessa.)*

A formidavel caturreira consiste, em não decifrar a charada; elle desespera-se: mas o tio Alvaro por delicadeza partidaria — que appetite! — advinha immediatamente.

D. IZIDORO

Esta pag*u*ece-me obsc*u*ga, sim senh*ogue*.

D. ALVARO *(Com um sorriso benevolo.)*

Muito bem. Se não me engano é... *malhado*.

TELLO *(Radiante.)*

Matou. Vamos á outra.

BENTO *(Imperturbavel.)*

Mas, a perda do calcanhar, está mesmo a berrar que o illustre Achilles, virou o costado ás baterias. Proponho que se discuta este assumpto.

TELLO *(Medonhamente carrancudo, tremulo e formalisado.)*
Se este homem, que mais parece uma mulher...

BENTO *(Cae sobre uma cadeira a rir a bom rir.)*

Ai! que encanto!

TELLO

. . continúa a fazer de mim palito... declaro-lhes, meus senhores, que deixo de frequentar o palacio.

D. ALVARO *(Muito contrariado, dirige-se a Bento, com modos severos.)*

O meu velho amigo e camarada não tem pachorra para te aturar; é tolice insistires nos teus disparates.

BENTO *(Tem um sorriso amarello de despeito, agarra-se a D. Izidoro.)*

O *Portugal Velho*, arrenegou-se; não se lhe póde bolir no alfenim...

D. IZIDORO *(Reprehendendo.)*

Tu és muito cat*uga*.

D. ALVARO

São muito boas horas de recolher a quarteis.

TELLO

Acompanho-o. Desejo lêr-lhe um cartimpacio interessantissimo que recebi de Hespanha. O pretendente...
(Entra o marquez.)

D. JOANNA *(A Maria.)*

A menina alcança-me os meus abafos. *(Maria sae.)*

D. ALVARO *(A Jayme.)*

Vamos menino. Sr.ª marqueza *(Despede-se de todos.)*

CONEGO *(N'uma profunda venia.)*

Recebo os mandados de v. ex.ª

MARIA *(Entra carregada com os abafos de D. Joanna, e quando passa perto de Jayme, com o olhar illuminado de esperança.)*

Ámanhã ..

MARQUEZA *(Sorrindo a Jayme.)*

Viva, D. Mysterio. *(Com intenção, baixinho.)* Lembre-se de que prometteu, confiar-me ámanhã o seu segredo.

JAYME

Sim, minha senhora. *(D. Alvaro e Tello retiram-se.)*

MARQUEZA

Já sei quasi de cór a sua traducção : «Tem minh'alma um segredo e um mysterio a vida.»

JAYME

Bravo ! *(Sae.)*

CONEGO *(Saudando pela segunda vez, n'uma venia solemnissima, toda a companhia.)*

Ex.mas senhoras e ex.mos senhores, um servo de v. ex.as

TODOS

Sr. conego .. *(Sae o conego.)*

D. IZIDORO *(Para D. Joanna.)*

Ainda não te apegontaste ?

D. JOANNA *(Envolta em dois chales, recoberta por uma longa capa forrada de pelles, com um outro chale lançado sobre o chapeu, uma manta branca enroscada ao pescoço, e já na attitude de tapar a boca com o lenço.)*

Adeus Rachel, adeus Maria. *(Beija a marqueza e a condessa, e tambem beija e dá a mão a beijar ao marquez e a Maria.)* Adeus José, adeus Maria.

MARQUEZ

Criado de v. ex.ª, tia Joanna.

BENTO

Tenho logar na sua carruagem sr. D. Izidoro?

D. IZIDORO

Tens, sim senh*ogue*. Passem v. ex.ªˢ muito bem.

D. JOANNA

Ó Maria, esqueceu-me o meu leque.

D. IZIDORO

Duas h*ogas* semp*egue* p*aga* as despedidas!

MARIA *(Entregando o leque a D. Joanna.)*

Aqui está minha senhora.

D JOANNA *(Tapando a boca com o lenço.)*

Vamos, vamos; adeus todos, adeus todos.

CONDESSA, MARIA, MARQUEZ *(Ao mesmo tempo.)*

Até ámanhã.

BENTO *(Arremedando D. Joanna.)*

Adeus todos, adeus todos.

D. Joanna, D. Izidoro e Bento saem.

SCENA XV

CONDESSA, MARQUEZA, MARIA E MARQUEZ

CONDESSA

Apanharam-me um quartinho.

MARQUEZA

Ganharam ambos?

CONDESSA

Ambos.

MARIA

Na forma do costume.

MARQUEZ

É uma victima d'aquelles galfarros esta mamansinha. *(Faz-se silencio. A marqueza lê os jornaes; a condessa está guardando as cartas e os tentos. O marquez sae.)*

CONDESSA

Vou passar a minha revista ás portas e ás janellas. *(Sae.)*

SCENA XVI

MARQUEZA E MARIA

Silencio. A marqueza continua a ler. Maria, sentada do outro lado do bufete, finge que lê; está visivelmente preoccupada, nervosa; de quando em quando, lança um olhar rapido e receioso sobre a mãe. Muito ao longe resoam doze badaladas, solemnes e vagarosas.

MARQUEZA

Meia noite.

MARIA

Meia noite, em S. Vicente.

MARQUEZA

Então temos o vento leste. *(Levanta-se e approxima-se da janella.)* Nem uma estrella. A noite está negra, o ar pezado. *(Suspira. Volta lentamente para junto do bufete, e recomeça a lêr)*

MARIA *(Ergue-se por sua vez, dá uma voltinha, pela sala, parando aqui e além, percebendo-se que está a braços com uma grave indecisão, até que, cobra animo e approxima-se da marqueza.)*

Dá-me um beijo?

MARQUEZA *(Seccamente.)*

Dou.

MARIA *(Com muita meiguice.)*

Outro.

MARQUEZA *(Sem levantar os olhos do jornal)*

Não.

MARIA *(N'uma queixa muito suave.)*

É tão secca para com a sua filha que morre por si!

MARQUEZA *(Impaciente.)*

Não tenho pachorra para denguices. Que massada! *(Maria cabisbaixa, succumbida dirige-se para a porta)* Ó Maria onde vaes?

MARIA

A mamã...

MARQUEZA *(Abraçando e beijando Maria.)*

Desconfiaste? Que lembrança! Pois não havia de gostar de ti, filha! *(Beija-a outra vez.)*

MARIA *(N'um tom quasi infantil, muito a medo.)*

Não se zanga comigo?

MARQUEZA

Porque?

MARIA

Queria dizer-lhe um segredo.

MARQUEZA

Dize,

MARIA *(Após curta hesitação.)*

Amanhã...

MARQUEZA

Toutinha.

MARIA

Promette não ralhar?

MARQUEZA

Prometto.

MARIA *(Muito a medo.)*

Disse ainda agora...

MARQUEZA

Que?

MARIA

Não se recorda?

MARQUEZA

Explica-te, filha.

MARIA

Quando eu quizesse casar...

MARQUEZA *(Rindo)*

Ah!

MARIA

... que procurasse noivo.

MARQUEZA *(Continuando a rir.)*

Já encontraste?

MARIA

Já encontrei.

MARQUEZA

Quem é?

MARIA

Não advinha?

MARQUEZA

Em boa verdade, as charadas do capitão, advinham-se mais facilmente.

MARIA *(Um pouco offendida e desconsolada.)*

A mamã está a brincar comigo.

MARQUEZA

Não estou. Dize.

MARIA *(Muito commovida, com a voz quasi sumida)*

O Jayme...

MARQUEZA *(Assombrada, com uma expressão quasi demente, respirando alto, balbucia.)*

O Jayme! *(Subito, estampa-se-lhe no rosto, uma angustia indiscriptivel, um horror medonho, e com o olhar desvairado, n'uma expansão que não póde conter.)* Mas, tudo isto é um sonho, Maria!

MARIA *(Espavorida, muito tremula, quasi a chorar.)*

Porque mamãsinha!

MARQUEZA *(Procurando dominar-se.)*

Lembrança mais celebre...

MARIA *(Com ingenuidade infantil.)*

Eu gosto d'elle.

MERQUEZA *(N'uma grande anciedade.)*

Elle...

MARIA

Gosta de mim.

MARQUEZA

Elle!

MARIA

Somos quasi da mesma edade.

MARQUEZA *(Transida de dôr, de horror e despeito, mas diligenciando dominar-se.)*

Elle disse-te...

MARIA

Tanta vez, a todas as horas, em todos os momentos em que nos encontramos ..

MARQUEZA *(N'um grito rouco.)*

Cala-te.

MARIA *(Com vehemencia.)*

Mas se eu morro por elle... e elle morre por mim!

MRRQUEZA (*Desvairada.*)

Cala-te, cala-te.

MARIA (*Desata a chorar alto, amedrontada, espavorida.*)

Ó mamãsinha! que tem? (*Soluçando.*) Está zangada comigo?...

MARQUEZA (*Muito agitada, tremula, offegante, com o olhar incendido, mas luctando por dominar-se.*)

Cala-te. (*Quasi friamente.*) Não quero ouvir fallar mais em semelhante asneira.

MARIA

Não consente?

MARQUEZA (*Arrebatada.*)

Pois imaginaste que eu consentiria?

MARIA

Porque não?

MARQUEZA (*Áparte.*)

Que horrivel pezadello?

MARIA

Elle é tão bom, tão meigo, tão galante, tão intelligente.

MARQUEZA (*Exaltadissima.*)

Não, não... não... Deixa-me...

MARIA (*N'um grito d'alma, vibrante de dor.*)

Olhe que mata a sua filha!

MARQUEZA (*Horrorisada, supplicante.*)

Pelo amor de Deus... nem mais uma palavra, nem mais uma...

MARIA (*N'uma grande exaltação, chorando alto.*)

Mas este amor, era toda a minha ventura, a minha alegria... Tenha dó de mim...

MARQUEZA

Cala-te, ca...

MARIA *(Cortando a palavra á marqueza.)*

Tenha piedade de sua filha... Minha adorada mãe, minha...

MARQUEZA

E elle... disse... repetiu-te muitas vezes que gostava de ti?

MARIA *(Soluçando.)*

Nunca sentiu outro amor.

MARQUEZA

Elle!

MARIA

Deu-me o seu coração todo inteiro, como eu lhe dei o meu ..

MARQUEZA *(Quasi desfalecida, esmagada.)*

Elle! *(Longo silencio. Revela-se na physionomia da marqueza, uma lucta horrivel: advinham-se-lhe desesperos, pavores, desfalencias; pouco a pouco, á custa de enorme esforço, consegue recobrar alguma serenidade, e então, friamente.)* Vae deitar-te. *(Procurando convencer-se a si propria; encolhendo os hombros, n'um fingido desdem.)* Isso não é amor, creança .. é o primeiro capricho...

MARIA

Capricho...

MARQUEZA

Amanhã passa.

MARIA *(Transida de angustia, sem transporte e com uma dignidade enternecedora.)*

Eu tenho coração, minha senhora.

MARQUEZA *(Com frieza muito artificial.)*

Guarda-o bem guardado, não o dês a ninguem... a ninguem... Juro-te que o amor... *(Com vehemencia.)* O ta

amor verdadeiro, é o tormento mais horrido... *(Arrepende-se de concluir a phrase; e, n'um sorriso amargo, n'um tom menos aspero.)* Vae deitar-te. Adeus. *(Sae. — Maria fica chorando.)*

SCENA XVII

MARIA E A CONDESSA

CONDESSA

Ó filha! que tens tu?

MARIA *(Soluçando.)*

Quer a maman que eu guarde, bem guardado... o meu coração... *(Com a voz quasi embargada pelas lagrimas.)* que a ninguem o dê... e já o dei... para sempre...

CONDESSA *(Muito commovida, toma em suas mãos, com grande meiguice, o rosto de Maria e imprime-lhe um longo beijo.— O pano desce.)*

ACTO III

SCENA I

MARQUEZ E MARIA

MARQUEZ

Se dependesse apenas de mim... Tua mãe ainda está muito exaltada... Sim...

MARIA

A felicidade de sua filha depende...

MARQUEZ

Sim, meu amor. Veremos logo, como se poderá regular este negocio.

BENTO *(Fóra de scena.)*

Dá licença meu rico marquez.

MARIA

Que massada ! *(Sae.)*

SCENA II

BENTO E O MARQUEZ

BENTO

Viva, viva.

MARQUEZ

Como está vossa senhoria ?

BENTO

Bem, graças a Deus, muito obrigado. Chegadinho de Entre-muros. Almocei com o marechal *tête à tête.* Ensaiava-se para me deitar o gadanho para todo o dia. Não estive pelos autos— safei-me.

MARQUEZ

Procedeste com juizo.

BENTO *(Muito serio e importante, em tom confidencial.)*

Agora escute, que isto é serio: hontem á noite — ai! que escrupulo! — encontrei a Judith...

MARQUEZ

Disse de mim cobras e lagartos...

BENTO

Escute, minha joia: ella está furiosa com o menino O menino—valha-o Santo Antonio!—prometteu pôr-lhe casa; ella larga o conselheiro por causa do menino e depois o menino passa-se para a dançarina!

MARQUEZ

Mas a Leotard é outra casta de mulher!

BENTO

Ó minha rica joia da minha alma, eu não entendo d'esses negocios, eu nada tenho com esses negocios; ora agora, parecia-me conveniente que o menino fechasse, com alguma bagatella, a boca da Judithesinha, porque ella é doida e muito capaz de lhe armar alguma sensaboria...

MARQUEZ

Talvez tenhas razão.

BENTO

Quem me avisa, meu amigo é. *(N'outro tom.)* Vou beijar a santa mão, das ua bemaventurada mamansinha. Até já, lindo. *(Sae.)*

SCENA III

MARQUEZ E MARQUEZA

MARQUEZA

A Maria veiu fazer queixa de mim. . aposto...

MARQUEZ

Queixa, não: lamenta-se... Pois se ella gosta d'elle...

MARQUEZA *(Com ironia.)*

Gosta...

MARQUEZ

Uma guerra assim! Porquê?... mas porquê?... Agrada-me immenso este projecto, é de appetite; agrada com certeza a todos os nossos. O Jayme! um excellente moço! Julgava que morrias por elle; tem parecido sempre o teu *enfant gatê* — pois não é assim? Agora embirras! Genio mais contradictorio, mais esquisito não conheço. Ai! ai!... Elle é muito nobre, é intelligente, é honestissimo.

MARQUEZA

E que mais?

MARQUEZ

Ainda hontem, dizias isto. A Maria representa um nome muito illustre, não se deve guardar para freira — pois não é assim? — Não te comprehendo, não te comprehendo. Estou cansado de transigir, de ceder sempre, constantemente, aos teus caprichos, aos teus disparates... *(Com intimativa.)* aos teus disparates, sim senhora. Tudo tem um termo.

MARQUEZA *(Friamente, accentuando bem as palavras.)*

Tudo tem um termo.

MARQUEZ *(Agastado.)*

Com certeza. Hei de defender a felicidade da minha filha. Basta de tutela.

MARQUEZA

Bravo!

MARQUEZ

Tenho sido pusilanime. Esse tempo passou: vida nova.

MARQUEZA

Bravo!

MARQUEZ

O tio Izidoro, pessoa de muito criterio e de muitissima experiencia, tem-me advertido centenares de vezes: — «O menino deixa-se dominar completamente pela sua mulher; isso não lhe fica bem.» — Eis o resultado das minhas condescendencias tolas!

MARQUEZA *(Sempre com frio desdem.)*

Bem achado. Bravo!

MARQUEZ *(Desesperado.)*

Bravo! bravo! bravo!... mas o casamento ha-de realisar-se, e bravo! bravo!

MARQUEZA *(Com a maxima serenidade, pausadamente.)*

Não me parece, eu não quero.

MARQUEZ

Quero eu.

MARQUEZA *(N'um impeto furioso, vibra um formidavel murro sobre o bufete e n'um berro alarve, brutal.)*

E eu não quero... ouviu?

MARQUEZ *(Fica desconcertado, e após breve silencio, em tom de branda ameaça.)*

Veremos. *(Dirige-se para a porta, n'um passo rapido, porém em vez de sair, volta lentamente.)*

MARQUEZA *(Com o olhar incendido de colera.)*

Patifes...

MARQUEZ *(Numa serenidade affectada.)*

Dava-te um doce se me podesses explicar essa... má vontade...

MARQUEZA

Má vontade .. *(Exaltando-se.)* Com que então querem vocês, fazer de minha filha o que fizeram de mim?... uma desgraçada! Perdão meus senhores. *(N'outro tom.)* Conspiraste á surdina. Advinho tudo: mais uma caçada a um dote. Vamos .. tudo ficava na familia. *(Com sarcasmo.)* O primo Jayme... *(Irada.)* Iam-me logrando! Não me apercebia da manobra. Velhacaria não lhes falta!

MARQUEZ *(Agastado.)*

Não percebo esse disparate.

MARQUEZA

Vou apostar: o plano saiu da forja do tio Izidoro: — «Jayme, atira-te á prima, aproveita rapaz.»—Oh! oh! estou a ouvil'o Tambem ajudou á missa o conego de eternas luminarias e o Bento — sem esta figura suja, não se passa em taes assados Depois a tia Joanna, muito hypocrita, com o pingo no nariz, muito porca: —«Maria, quando se casa a menina? O Jayme gosta muito de si, é um santinho...»—é isto e aquillo e cosido e frito. *(Vibrante de indignação.)* Eh! os mesmos avejões sinistros que me lançaram as garras! Fóra com elles...

MARQUEZ *(Atordoado.)*

Phantasia, estás no teu elemento.

MARQUEZA

Phantasio! hein! — *(N'um tom e com uns modos muito ordinarios, muito reles, de cigana infuriada.)* Mas vocês querem pular, querem dinheiro?... Com um milhão de demonios! trabalhem, ganhem o seu pão com o suor do seu rosto... trafiquem, vendam negros, mas não negoceiem com o seu nome. Não ha industria mais vil!

MARQUEZ *(Formalisado.)*

Ora vamos...

MARQUEZA *(Exaltadissima.)*

Um nome vendido deixa de ser um nome, não passa de uma alcunha infamante...

MARQUEZ *(Dominando-se a grande custo, mas n'um tom impertinente.)*

Sim... na verdade, não se torna facil discutir serenamente comtigo. Quando não adejas pelo mundo das chimeras e dos contos de fadas, muito galante, porém, muito pouco pratico, desces a exhibir certo palavrorio... de bello effeito para um comicio popular, mas um bocadinho improprio nos labios aristocraticos de uma marqueza. — Não é assim? — Depois, deixas fugir allusões menos amaveis e nada verdadeiras... O nosso casamento ..

MARQUEZA

Que fatalidade!

MARQUEZ

Concordo, mas quem nos obrigou a esse mau passo? Pela minha parte declaro: casei comtigo da melhor vontade.

MARQUEZA

Casaste com o meu dinheiro...

MARQUEZ

Jesus! que falta de espirito! Tu foste uma menina galantissima — ainda pareces muito bem, graças a Deus! — a esse tempo os teus nervos tinham muito mais proposito — não é assim? Se imitasse os teus processos de argumentação poderia agora ripostar-te que, tambem tu, minha joia, não olhaste com indifferença para a velha corôa de marqueza de Verride, carregada de trezentos annos de nobreza e de illustrissimas tradicções. . mas, prefiro lembrar-me de que então, não me achaste de todo desagradavel... A gente vae envelhecendo — não é assim Rachel?

MARQUEZA *(Sempre absorvida pela idéa fixa, parece que não ouve o marquez.)*

Não casam...

MARQUEZ

Ora agora é detestavel essa mania, de empregares constantemente phrases esquisitas de melodrama da Rua dos Condes! Vender um nome! Quem vendeu o seu nome? — Jesus! que falta de espirito! — Mas, dado o caso que assim fosse: se alguem vende o seu nome, é porque encontra quem lh'o compre... e quando é vil a industria, não sei... não sei de todo, quem valha mais... se o vendedor, se o comprador? Em boa razão: não ficam devendo nada um ao outro.

MARQUEZA

Não me serve a carapuça.

MARQUEZ

Falla-se em geral; não recorto carapuças. Jesus!. .

MARQUEZA *(Nervosa, agitada, com vehemencia)*

N'esses bons tempos, era uma creança, inexperiente como todas as creanças. Meu pae, coitado, gostava de fidalguias, de figuranças. — Um fraco como qualquer outro — julgou que eu devia casar comtigo: obedeci-lhe. Se advinhára... Tinha dezaseis annos, entendes?... E tu, um homem feito e direito...

MARQUEZ *(Com affectada galanteria.)*

Gostava de ti.

MARQUEZA

Mentes.

MARQUEZ *(Encolhendo os hombros.)*

Assim, não ha discussão possivel!

MARQUEZA *(N'um tom e modos muito ordinarios, muito de gentinha.)*

Mentes... mentes, com quantos dentes tens na boca! Seis mezes depois do maldicto casorio, uma noite...

MARQUEZ

Ai! Ai!

MARQUEZA *(N'uma exaltação crescente.)*

... recolheste fóra d'horas. Eu estava em sustos — fortetola! — Entras-me pelo quarto todo lampeiro, muito risonho, explicas em duas mentirolas grotescas a demora, e tiveste o descaro, maroto .. de pespegar-me um beijo na boca! *(Furiosa.)* Que infamia! que pouca vergonha!... trezandavas a bordel!

MARQUEZ *(Muito irado, mas, deixando perceber que está mentindo.)*

Tudo isso é peta... que tal está!

MARQUEZA *(Cançada de berrar, tremula, arquejante.)*

Enxotei-te do quarto, como se enxota um cão reles. Ficaste a ganir á porta... ganiste a noite inteira e noites successivas. Era o que faltava: alternar com as dançarinas! *(Com vehemencia e odio.)* Ora aqui têem as consequencias

dos casorios do theor do nosso : o dinheiro da mulher paga as amantes do marido. *(Rindo sarcasticamente, nervosamente.)* Não merece melhor emprego. *(Exaltando-se, berrando, mas com grande custo, muito cançada, voz rouca.)* Agora o outro ensaia-se para deitar o laço á minha filha. Mais uma exploração vil! Pois está servido — dize-lhe, dize-lhe já. Eu não conheci mãe, nem pessoa amiga que me acautelasse, que me abrisse os olhos ; ella ainda tem mãe : cá estou.

MARQUEZ *(Com a maior serenidade.)*

Deixa-te estar Ha dezasete annos que te aturo ; temos gritado quasi todos os dias, mas quasi sempre tenho transigido. Estou cançado de berrar e cançadissimo de transigir, e por conseguinte, d'aqui por diante, deixarei de berrar e deixarei de transigir.

MARQUEZA

Veremos.

MARQUEZ

Tu, á vontade, grita, protesta, bate o pé — nada de comprimentos — mas convence-te, convence-te bem...

MARQUEZA

Pois não !

MARQUEZ *(Mantendo sempre serenidade.)*

... de que o bom tempo das condescendencias, passou á historia.

MARQUEZA *(Com profundo sarcasmo.)*

Optimo.

MARQUEZ

Optimo! explendido ! não ha a menor duvida. Os pequenos hão de casar.

MARQUEZA

Tudo é possivel.

MARQUEZ *(Com firmeza.)*

Hão de casar se Deus quizer.

MARQUEZA *(Com grande despreso)*

Ora...

SCENA IV

OS PRECEDENTES E D. ALVARO

D. ALVARO

Sr.ª marqueza, minha senhora

MARQUEZ

O tio Alvaro.

D. ALVARO *(Aperta a mão da marqueza.)*

Como estão? *(Dá um beijo no marquez.)*

MARQUEZA

Muito incommodada, muito afflicta.

D. ALVARO

Ah! *(O marquez muito contrariado, coça a cabeça nervosamente e dirige-se para a porta.)*

MARQUEZA

Não te vás embora, José.

MARQUEZ *(Frenetico.)*

Que idéa!

D. ALVARO

Succedeu algum...

MARQUEZA

Sou muito franca, meu caro tio, gosto de tratar as questões com toda a clareza.

MARQUEZ *(Azaranzado.)*

Sim... mas ..

MARQUEZA

O Jayme pediu...

MARQUEZ *(Impertinente.)*

Começas a devanear. O Jayme não pediu coisa alguma. Sempre romance! A Maria...

MARQUEZA *(Interrompendo.)*

Veiu dizer-me a minha filha que gostava do Jayme...

D. ALVARO *(Surpreso)*

Ah!

MARQUEZA

...e que o Jayme gostava d'ella, portanto desejam casar.

MARQUEZ

Mas o Jayme nada pediu, repito.

MARQUEZA

Ora...

D. ALVARO

Ignorava completameute. A gente nova não costuma procurar os velhos para confidentes.

MARQUEZA *(Um pouco commovida, respirando mais alto)*

Detesto situações ambiguas e meias palavras.

MARQUEZ

Tem sido o dia de juizo n'esta casa.

D. ALVARO *(Grave, sereno e n'um tom generoso.)*

Diga minha senhora; bem sabe que a respeito muito. V. Ex.ª não approva, talvez...

MARQUEZA

Gosto do Jayme...

MARQUEZ

Gostava immenso!

MARQUEZA

Tem boas qualidades. . Ha porém razões que me aconselham, a oppôr-me formalmente a esse projecto.

D. ALVARO

V. Ex.ª tem as suas razões e tanto basta

MARQUEZ

Espirito de contradicção e nada mais. Como eu estimo e approvo, ella reprova. (*A marqueza domina um impeto de furor e sae arrebatadamente.*) Ah! meu caro tio, foi propheta na sua terra!

MARQUEZA (*A D. Alvaro.*)

Apello para a sua lealdade...

D ALVARO

Minha senhora.

MARQUEZA

Fez-lhe surpresa esta noticia?

D. ALVARO

A maior!

MARQUEZA

Nunca se lembrou V. Ex.ª de que o Jayme imaginasse namoriscar a minha filha?

D. ALVARO

E então!

MARQUEZ (*Com ligeira ironia.*)

Mingua de prespicacia da nossa parte, minha senhora. Deu-se um caso muito semelhante com meu visavô.

SCENA V

OS PRECEDENTES E D. IZIDORO

D. IZIDORO

Póde-se enta*gue*? (*Aperta a mão á marqueza, dá um beijo no marquez e faz-lhe uma festa na cabeça.*) Viva seu Alva*go*.

D. ALVARO

Viva, meu senhor. (*Breve silencio.*)

Dou-lhe a minha palavra sr.ª marqueza, se não tivesse muito escrupulo em contrariar affeições sinceras, já lhe havia bradado...

MARQUEZA

Á sua vontade...

D. ALVARO *(Muito tremulo e exaltadissimo.)*

... minha senhora, guarde a sua filha e arrecade os seus milhões! O meu Jayme, quando intentasse a perfidia de vender o seu nome — eu amaldiçoava-o, note bem — o seu nome, um dos mais illustres de Portugal, encontraria muito boa gente que lh'o comprasse. *(Caindo em si, arrependido da rudeza, n'um tom brando)* Ó menina desculpa-me... ainda não pude emendar-me d'estes repentes...

MARQUEZA *(Friamente.)*

Está desculpado.

D. ALVARO *(N'um tom conciliador, quasi carinhoso e paternal.)*

Olhe menina, oiça cá: nunca tive geito de casamenteiro, porém, acredito no amor. Devo-lhe toda a felicidade que experimentei n'este valle de lagrimas! Não sou casamenteiro, repito, mas isso de contrariar amores sinceros e demais sem motivo grave. . parece-me responsabilidade tremenda. É sério, e muito sério... havemos de dar contas a Deus. Toda a prudencia é pouca minha rica menina, sempre que tivermos de decidir... *(N'outro tom.)* o casamento é negocio muito grave, póde originar as maiores venturas e as mais horriveis calamidades — sim, minha menina, sempre que tivermos de decidir da sorte das pessoas que nos estão confiadas. E nada de arrebatamentos — eu estou velho, posso dar conselhos — nem proceder á ligeira, sob as primeiras impressões, dominados por...

MARQUEZA *(Atalhando friamente.)*

Diz muito bem.

D. ALVARO

Estes dois pequenos são o nosso enlevo, se em verdade elles gostam um do...

MARQUEZA *(Atalhando muito nervosa.)*

Tenho a certeza das certezas, de que o Jayme não gosta, nem póde gostar da Maria.

MARQUEZ

Porquê ?

MARQUEZA *(Arrebatada e altivamente.)*

Porquê ! *(Com mais frieza.)* A minha filha tem dezeseis annos, não póde casar sem minha licença; em se emancipando — isso ainda levará seu tempo — proceda como lhe aprouver.

MARQUEZ *(Muito frenetico.)*

Impossivel discutir...

MARQUEZA

E escusam de teimar...

MARQUEZ

Ninguem te comprehende !

MARQUEZA

Melhor. *(Dirige-se para a porta.)* E escusam de teimar.

MARQUEZ *(Coçando a cabeça muito arreliado.)*

Sim, sim.

MARQUEZA *(Volta-se arrebatadamente, tem o olhar coruscante e n'um tom energico, decisivo e ameaçador.)*

E se teimam... hão de arrepender-se. *(Sae.)*

SCENA V

OS PRECEDENTES, EXCEPTO A MARQUEZA

D. IZIDORO *(Muito grave e apprehensivo.)*

É celebe*gue* tudo isto !

D. ALVARO

É celebre !

SCENA VI

D. ALVARO, D. IZIDORO E DEPOIS JAYME

D. IZIDORO

Muito celebe*gue* tudo isto! *(Silencio. D. Alvaro está taciturno, parece bastante preoccupado.)*

JAYME

Quem venho encontrar: o avô e o tio Izidoro!

D. IZIDORO

Tambem achas isso celeb*egue*?

JAYME *(Rindo.)*

Celeberrimo, sim senhor, surprehendel-os em tão boa paz. Já terminou a discussão, ou preparam-se os dois antagonistas politicos para alguma birra monumental?

D. IZIDORO *(Sempre serio, grave e desconfiado.)*

Estás-me pa*gue*cendo muito mais celeb*egue* do que eu te julgava.

JAYME

Passarei á historia. *(Reparando em D. Alvaro que se conserva triste e preoccupado.)* Está tristonho?

D. ALVARO *(Seccamente.)*

Não.

SCENA VII

OS PRECEDENTES E BENTO

BENTO

Endoideceu toda a gente. Ai! ai! — Vivam, vivam. Lá descarregou a trovoada sobre José Francisco!... não sei porquê. Ouviram a berraria? Ai! que marqueza! Pae do ceu! — Está tudo doido! *(A D. Alvaro.)* O menino a sua cunhada tambem anda maluca, não quer jogar o cassino Para aqui fico todo o dia com as mãos debaixo dos braços.

D. IZIDORO *(Aborrecido.)*

Pa*ga* va*guiague* mette-as nas algibei*gas*. *(Sae.)*

BENTO *(Fazendo uma mesura.)*

Nas suas minha joia ?

D. ALVARO *(Aborrecido.)*

Safa-te.

BENTO *(Depois de fitar D. Alvaro, desdenhosamente.)*

Vou mandar um telegramma ao sr. D. Miguel II, a fazer queixa do menino. *(Foge rindo ás bandeiras despregadas.)*

SCENA VIII

JAYME E D. ALVARO

JAYME

Onde pára esta gente ?

D. ALVARO *(Após curto silencio, n'um tom bondoso, mais de queixa do que de reprimenda.)*

Estou sentido comtigo meu filho. Ai estes pequenos! Gostas de tua prima, fallas-lhe em casamento e venho a saber a noticia pelos outros ! Tens melhor amigo do que eu, rapaz?

JAYME *(Commovido.)*

Ó meu querido avô ?

D. ALVARO

Valha-te Deus.

JAYME

Perdoe. Não julgou bem o meu silencio. É meu constante desejo poupar-lhe dissabores e contrariedades.

D. ALVARO

Mas d'esta vez...

JAYME

Oiça. Estava certo de que v. ex.ª havia de estimar immenso este casamento. Pois não é a minha adorada Maria a sua sobrinha valida?

D. ALVARO *(Commovido.)*

A neta do meu Vasco...

JAYME

Poderiam sobrevir obstaculos aos nossos bons desejos. Quem sabe! Ora vamos.. bastava que advinhasse uma recusa—conheço o seu genio—para não continuar á vontade com estes senhores.

D. ALVARO *(Sorrindo.)*

Doido!

JAYME

Combinei com a Maria: palpita teu pae e tua mãe... e se tudo correr a nosso sabor, vamos então annunciar a boa nova ao avô. Elle com mil vontades dará o seu consentimento; no caso contrario — Deus nos defenda! — guarda-se absoluto silencio, parto para Vienna á espera de melhoras dias e livra-se o avô de inquietações e desgostos.

D. ALVARO *(Enternecido.)*

Ai! que rapaz!

JAYME

E tambem, devo confessar-lhe... receei um bocadinho o seu genio exaltado, ás vezes. Fica optimamente n'um velho soldado... mas em negocios d'esta ordem. não raro... uma palavra mais dura, um arrebatamento...

D. ALVARO *(Sorrindo afagando a cabeça de Jayme.)*

Ai! ai! rapaz... *(N'outro tom grave, porém meigo e como que a medo.)* Dize cá meu filho: — não costumo alludir a certos assumptos, agora porém torna-se necessario — a gente moça... sim certos pecadilhos... hein? Não applaudo leviandades, o homem porém, é fraco. Está tranquila a tua consciencia?

JAYME

Que pergunta tão engraçada!

D. ALVARO

Sim pequeno.. algum compromisso serio... vamos...

JAYME *(Desafogado, sorrindo, com um tom de verdade.)*

Nenhum.

D. ALVARO

Um homem e principalmente um fidalgo... não tem direito de offerecer o seu nome a uma senhora, quando esse nome... não esteja immaculado...

JAYME

Tranquilise-se meu avô... Dou-lhe a minha palavra...

SCENA IX

OS PRECEDENTES E MARIA

D. ALVARO

Basta *(Enternecido.)* Dá cá um grande abraço meu querido filho da minha alma. Sinto que fallas a verdade. *(Abraça e beija Jayme; apercebendo Maria que assomou á porta e faz movimento de retirada.)* Espreitar é muito feio. Não fuja minha senhora...

JAYME *(Aterrado.)*

Que é isso Maria?

D. ALVARO

Mas, tu choras, filha... coitada!

JAYME

Não falharam meus presentimentos...

D. ALVARO

Quem me dera chorar essas lagrimas!

JAYME

Não? Nem uma esperança?

D. ALVARO

O caso não é tão feio como parece.:. Estas creanças de hoje, não primam por animosas! No meu tempo havia outra fibra...

JAYME

Mas, digam o que se passou...

D. ALVARO

Agora porque a maman não mostra o melhor agrado...

MARIA *(Prorompendo em soluços.)*

Só isso meu tio?

JAYME

A Rachel oppõe-se?

MARIA *(Continuando a soluçar.)*

E de que maneira! Não consente, não quer...

JAYME

A Rachel!

D. ALVARO

Dá-se uma filha... assim sem mais nem mais a um rapasola da sua edade?

JAYME

E porque não?... se eu morro por ella...

D. ALVARO

Trabalhe, meu senhor, para se tornar digno de possuir este anjo... Prove o seu amor, a sua dedicação. Anda cá menina, limpa essas lagrimas. *(Maria continúa chorando, nervosa.)* Não chores assim, filha.

MARIA *(Soluçando.)*

Uma desgraça...

JAYME

Ó meu amor falla, explica-te ..

MARIA *(Sempre soluçando.)*

Ella não quer, não consente.

JAYME

E mais nada? Mas porquê?

D. ALVARO

Não o apoquentes, coitadita...

JAYME

O avô sabia e não me disse...

D. ALVARO

Ora essa não está má! Aprendi com o amigo a ser discreto... Tambem receei o seu genio... sim senhor... Vamos... tenham juizo, filhos... Vocês ignoram o dictado antigo? — «Quem se obriga a amar, obriga-se a padecer.» — Arranjem paciencia... Eh! rapaz embatucaste?

MARIA

Pensa que elle não soffre?

D. ALVARO

Ai Jesus! pequena! Oiçam... — Estás muito creança filha... Já te sentes velho, rapaz? — hein! — Valha-os Deus! Têem tempo de sobra para disfructar venturas, hão-de recordar com saudade estes prantos. Tempestades de primavera. D'aqui a nada volta a raiar o sol da esperança e eil'os alegres e viçosos como duas flôres em manhã d'abril. A maman não julga rasoavel, por emquanto, dar-lhes o seu consentimento. Está no seu direito — ella sabe das suas razões. Provem-lhe com muita prudencia, com muita delicadeza e tambem com a respeitosa submissão porque recebem a sua vontade, que são merecedores de que s. ex.ª modifique sua resolução. E, modificará, estou certo. Os paes e as mães não ambicionam mais do que a felicidade de seus filhos; conven-

çam-se d'isto meninos. Fóra com as tristezas, *(A Maria que continúa choramingando.)* Então filha! *(Contemplando Jayme.)* Olha: parece a estatua da desolação! *(Enternecido.)* Coitados! *(Sorrindo, entre lagrimas)* Temos paixão... á moda antiga? Devéras? Gosto d'isso. *(Enthusiasmando-se.)* Ai mocidade! amôr! *(Abraçando muito enternecido Jayme e Maria.)* Acabaram por me enternecer...

SCENA X

OS PRECEDENTES E A CONDESSA

D. ALVARO *(Á condessa que entra.)*

Venha cá menina. Estou mettido em bons assados! Ajude-me a confortar estas duas almas timoratas.

CONDESSA *(Tristemente.)*

Coitados!

D. ALVARO

Ella sabe?

MARIA

Pois não havia de saber! A minha unica confidente...

D. ALVARO *(Para Jayme.)*

Ah! seu maganão, os mysterios eram para mim! Estamos servidos. *(Para a condessa.)* Olhe menina, afinal elles fazem de nós o que muito bem lhes apraz.

CONDESSA

Coitados!

D. ALVARO

A Rachel é telhuda; não toma tento no que diz. D'aqui a duas horas é capaz de exigir que os rapazes casem amanhã.

CONDESSA

Deus o oiça.

JAYME

Mas tua mãe tem-me manifestado sempre tanto interesse, tanta estima!...

MARIA

Receio enlouquecer, meu amôr. Não posso, não sei explicar esta desgraça. *(Soluçando.)* Talvez não seja da vontade de Nosso Senhor.

JAYME

Ó minha rica filha, não comeces a imaginar...

CONDESSA

Deus tudo quanto faz é por melhor. Confiem na sua bondade infinita. Já escrevi ás nossas freirinhas do Conventinho, pedindo-lhes que os recommendem muito nas suas orações.

D. ALVARO

Fez muito bem. Tenho immenso escrupulo de contrariar amores sinceros e verdadeiros. Quanta vez a sorte da vida inteira não depende... Mas isto é tardissimo! E aquella pobre gente á minha espera na Nação!...

CONDSSA

A politica dá cabo de si, mano Alvaro.

D. ALVARO

Já agora quero morrer como tenho vivido: homem de uma só fé. *(Sae; a condessa accompanha-o.)*

SCENA XI

JAYME, MARIA E A MARQUEZA

MARQUEZA *(A Maria.)*

Vá para o seu quarto. *(Maria tranzida de afflicção, sae.)*

SCENA XII

MARQUEZA E JAYME

MARQUEZA *(Após breve silencio, n'uma serenidade affe*
E o segredo ?

JAYME

A Maria não lhe disse ?

MARQUEZA

Um segredo d'ella.

JAYME

E meu tambem.

MARQUEZA *(N'uma simulada surpreza.)*

Ah !... E o outro segredo ?

JAYME

Qual ?

MARQUEZA

O meu.

JAYME

O seu !

MARQUEZA *(Com muita intenção.)*

Não me prometteste hontem revelar...

JAYME

Mas, foi o que lhe disse a Maria.

MARQUEZA

Ah ! foi o que me disse a Maria ! *(Com atroz ironia.*
ginei dois segredos ; enganei-me.

JAYME

Não comprehendo.

MARQUEZA

Antes assim. *(Silencio. A marqueza está agitada, off*
mal podendo dominar o desespero que lhe morde o co
Bom. *(Novo silencio.)*

JAYME *(Após alguma hesitação, bastante commovido e muito a medo.)*

Permitte-me um desabafo?

MARQUEZA *(N'um formidavel impeto de furor alarve.)*

Olha lá: já disse a teu avô que por caso algum d'esta vida —entende bem .. entende bem — eu consentiria que se voltasse á alludir, sequer, á asneirola torpe...

JAYME

Torpe!

MARQUEZA

..e muito torpe, que inventaste. És muito ingrato... mais do que ingrato. E nada de insistencias.

JAYME

Tudo isto é espantoso Rachel!

MARQUEZA

E mais alguma coisa...

JAYME

Esclareça-me... por tudo quanto ha lhe peço. Forjaram alguma calumnia vilã... e acreditou!

MARQUEZA *(Impetuosamente.)*

Pois não sabe o que fez?

JAYME

E insiste em acreditar?

MARQUEZA

Já agora, creio em tudo.

JAYME

Não deve crer, não póde crer. E julga-me sem me ouvir? Mas, repita — por tudo quanto ha lhe peço — o que lhe disseram de mim. Quero defender-me, tenho direito de me defender, Rachel... Foi uma perfidia horrivel? E sem mais

me condemna a mim, que sempre lhe fui tão dedicado, tão seu amigo, tão respeitador...

MARQUEZA *(Tremula, exaltada, com ironia atroz.)*

E advinhava-me os pensamentos, interessava-se pela minha preciosa saude; e todo elle era attenções, carinhos, desvellos... Fazia a côrte á sogra. Verdade é que por causa dos santos se beijam os altares ..

JAYME

Poude suspeitar um momento que a minha amizade e attenções mirassem outro intuito que não fosse o muito e sincero interesse que sempre me inspirou! Mas que injustiça? que offensa?

MARQUEZA

Ora... ora...

JAYME

Desde que me entendo me acostumei a estimal-a e a respeital-a; n'esta casa tenho vivido os meus melhores dias, e, sempre me julguei, Rachel, com direito, ao menos, a um pequenino lugar no seu coração.

MARQUEZA *(Desvairada.)*

Jayme!

JAYME

E tanto confiava em si, tão seguro estava da sua amisade, do seu bom conceito...

MARQUEZA

Como a gente se illude!

JAYME

O illudido sou eu.

MARQUEZA *(Com grande ironia.)*

Tu!... *(Durante um momento, com uma expressão de infinita dór e despeito. fita Jayme, e depois, muito tremula, quasi a chorar, mas com o arreguenho de quem apresenta uma*

prova indiscutivel, arranca do seio um papelinho e d'uma commoção crescente, entrecortando de soluços as palavras, lê :)

«Tem minha alma um segredo e um mysterio a vida.
É um voraz amor nutrido n'um momento,
Eu soffro sem esperança, occulto o soffrimento.. »

(N'uma grande impulsão nervosa amarrota o papel e solta um choro alto, berrante.)

JAYME *(Espavorido, n'um grande movimento dramatico)*

Rachel !

MARQUEZA *(Continuando a chorar, mas n'um tom de sarcasmo.)*

Tu .. o illudido ! Tu !

JAYME *(Com vehemencia.)*

Mas, a minha alma nunca guardou outro segredo que não fosse o d'este amor santo e enorme...

MARQUEZA *(Desvairada.)*

Jayme !

JAYME

... que o meu coração desde que sabe sentir...

MARQUEZA

Cala-te...

JAYME

... votou, no mais ardente enthusiasmo... *(N'uma grande desolação, com lagrimas na voz.)* A minha adorada Maria ! a minha desgraçada Maria ! *(Com violencia.)* Não havia e jámais haverá outro mysterio na minha vida !

MARQUEZA

E o meu coração está a gritar que me enganas, queres illudir-te e procuras illudir-me...

JAYME

Nunca a illudi ..

MARQUEZA

Cala-te; tem piedade de mim. Já não sinto forças para mais luctas. Ouve... ouve: eu explico tudo, tudo advinho, conheço a tua alma, o teu feitio... preconceitos de educação. A Maria é uma creança, não te comprehende; intentas buscar no seu amor — mas que atroz loucura! — refugio contra um sentimento que julgas criminoso Comprehendo-te...

JAYME

Que horror!

MARQUEZA

Não negues, não negues. Quando se ama como eu te amo porque tambem se é amada. Seriam dois desgraçados... Eu não quero, não consinto... Dois desgraçados... e eu... A minha recordação a separal-os sempre... Não, não ha direito de torcer a felicidade à ordem de prejuizos imbecis! Eu não quero, entendes? Eu sou tua; tu bem o sentes, Jayme.. Sim, elle é teu parente, repugna-te a traição..

JAYME

Não continue...

MARQUEZA *(Completamente desvairada)*

Traição, crime é despedaçar a propria alma e a da creatura amada...

JAYME *(Atalhando com grande violencia.)*

Mas é o que acaba de fazer! Esfarrapou, reduziu a estilhas a minha felicidade, o meu futuro, a minha vida, e a felicidade e a vida, a vida com certeza, de alguem que eu adoro com todas as forças da minha alma, d'um anjo do céu, da minha estremecida Ma... Já não ouso pronunciar o nome d'ella... dianto de si...

MARQUEZA

Oh! Jayme!

JAYME

Não continuo a ouvil-a, porque acabaria de apagar-me de todo, um resto de piedade...

MARQUEZA *(N'um grito ferino.)*

Piadade! *(Jayme toma o caminho da porta.)* Jayme! *(Jayme sae e a marqueza n'um grito horrivel.)* Jayme! *(N'um completo desvairamento dirige se para a porta, por onde sahiu Jayme, porém, a breve trecho, estaca, em presença do marquez e da condessa que entram precipitadamente em scena.)*

SCENA XX

MARQUEZA, MARQUEZ E CONDESSA

MARQUEZ

Como se explica...

MARQUEZA

Vou sahir d'esta casa; nem mais um instante n'este inferno. *(Desata a chorar.)*

MARQUEZ *(Após, breve silencio)*

Eu endoideço! eu endoideço!

CONDESSA

A menina está bastante nervosa; socegue.

MARQUEZA *(Deligenciando serenar; depois de limpar as lagrimas.)*

Já passou.

MARQUEZ

Uns nervos assim!

CONDESSA

Oh! filho!...

MARQUEZ

Queres fazer a tua vontade em cheio, sem cuidares nas consequencias...

MARQUEZA

Ai! ai!

MARQUEZ

Eu logo previ que das intimidades com o sr. Jayme, havia de resultar alguma sensaboria.

MARQUEZA

Pois não advinhaste tudo...

MARQUEZ *(Com muita petulancia.)*

Pois talvez alguem já houvesse advinhado.

MARQUEZA

Que quer dizer isso? *(Impetuosamente.)* Ó minha senhora, este homem tem feito a minha desgraça.

CONDESSA *(Muito atarantada.)*

Oh! meu Deus! oh! meu Deus!

MARQUEZA

Por amor d'elle, não; mas por decoro proprio, nunca dei motivo a qualquer insinuação menos correcta...

MARQUEZ

Quem te accusa? Mas quem te accusa?

CONDESSA

Serenem; não discutam assim.

MARQUEZA

Essas intimidades a que alludiste, derivavam de uma estima muito leal e muito sincera...

CONDESSA

De certo. Quem poderia pensar o contrario!

MARQUEZA

Uma estima muito sincera que naturalmente dispensava a um parente muito proximo e muito intimo de VV. Ex.cias e que conheço desde creança.

CONDESSA

Com certeza.

MARQUEZA

Ora agora o que eu estava longe de presumir...

MARQUEZ *(Impaciente.)*

Mas, afinal...

CONDESSA

Elle foi menos conveniente?

MARQUEZA

Afinal... está apaixonado por mim...

CONDESSA e MARQUEZ *(Ao mesmo tempo)*

O Jayme!

MARQUEZA

Parece que sim. Pelo menos ..

CONDESSA *(Ainda mal assombrada.)*

O Jayme!

MARQUEZA

... intentou — e de que modo? — persuadir-me...

CONDESSA

Mas... essa accusação...

MARQUEZ

É tremenda!

CONDESSA

Horrivel!...

MARQUEZA

E que quer que lhe faça? V. Ex.ª vive no ceu e anda ás escuras cá pelo nosso planeta. Considera as pessoas e os acontecimentos pelo prisma extraordinario da sua bondade, ainda mais extraordinaria! Rapazes são rapazes .

MARQUEZ *(Muito apprehensivo.)*

Sim rapazes são rapazes. O tio Izidorio tambem diz isso. .

MARQUEZA *(Entregando á condessa o papelinho amarrotado onde se acham escriptos os versos)*

Aqui estão os versos. É forte no lyrismo.

CONDESSA *(Muito tremula, lê.)*

«Tem minh'alma um segredo e um mysterio a vida. E' um voraz amor...» *(A marqueza dirige-se para a porta que communica com a sala do bilhar.)*

MARQUEZ

Mas, explica tudo... bem explicado.

MARQUEZA

Deixa-me. *(Approxima-se da porta indicada, corre o reposteiro, e deparando Maria, prostrada e inanimada, solta um grito medonho.)* Ai! minha filha! Maria!
(O marquez corre a erguer Maria.)

CONDESSA *(Tranzida de dôr, tremula e espavorida, sem poder despregar-se d'onde está.)*

Maria! Maria! *(Debulhada em lagrimas, cae de joelhos e de mãos erguidas.)* Deus do ceu! a minha vida...

MARQUEZA

Ai! a minha filha!

CONDESSA

... pela vida d'este anjo. Misericordia Senhor! Misericordia ..

Desce o pano.

ACTO IV

SCENA I

A tarde declina, ameaçondo tempestade. Vae escurecendo a scena, pouco a pouco. De longe em longe, fulge um relampago.

MARQUEZ E CONEGO

MARQUEZ

Sim... sim... a phrase do tio Izidoro deixou-me mal impressionado : em rapazes não ha que fiar.

CONEGO *(Meneando a cabeça e resmungando.)*

Em rapazes não ha que fiar, não...

MARQUEZ

Mas... desvanecida a maior tormenta – o conego não calcula a minha afflicção, quando se me deparou a pobre pequena desmaiada, coitadinha ! —Valha-me Deus !

CONEGO

Valha-nos Deus !

MARQUEZ

Emfim .. apenas serenei um pouco, começo a scismar muito devagarinho, no caso. Sim, eu não posso formar um juizo depressa, e no momento opportuno nem sempre me acode a resolução necessaria. Mas... se o Jayme está apaixonado pela Rachel porque deseja casar com a Maria ? Se a Rachel abomina o Jayme porque instou tanto e tanto comigo, para que eu alcançasse para o tal Jayme, de eternas luminarias, uma collocação excellente ? Pae do ceu ! Ia endoidecendo ! *(Breve pausa)* Vou .. não vou... Mas preciso de explicar-me com a Rachel ! Como ha de ser ? Como ha de ser ?... Fui... fui procurar minha mulher : — é preciso que me expliques tudo, muito bem explicado. Ella explicou tudo, coitada. Portou-se muito bem, graças a Deus.

CONEGO

Como era de esperar.

MARQUEZ

Em quatro palavras : o Jayme fazia-lhe a côrte ha bastante tempo. Ella fingia-se desentendida...

CONEGO

Comprehendo.

MARQUEZ

e sempre que encontrava ensejo, zás... dava-lhe para baixo.

CONEGO

Muito bem.

MARQUEZ

Entende ?

CONEGO

Muito bem.

MARQUEZ

Ora, não púde deixar de lhe advertir, porque não me avisára em tempo competente. — Coitadita ! — réceiava um escandalo, ou pelo menos uma imprudencia grave ; e, aguardava que o badameco se desenvencilhasse do concurso, para lhe obtermos uma legação muito distante.

CONEGO *(Sorrindo e sorvendo a sua pitada)*

Nos antipodas, sim senhor.

MARQUEZ

E, aqui tem o meu rico padre o que a marqueza pretendia combinar comigo hontem, antes de jantar. Eu ignorava tudo, trazia os olhoa vendados ! Finalmente, e em duas palavras: o patifesinho para se vingar das esquivanças de minha mulher, *(Levando as mãos á cabeça.)* — ai ! que horror ! ai ! que horror!— lembrou-se de desorientar a minha pobre e adorada filha da minha alma !...

CONEGO *(Encolhendo os hombros e abrindo os braços, n'um tom sapientissimo.)*

O dedo abominavel de Satanaz, por sem duvida está, visivelmente affirmado, em toda essa obra.

SCENA II

OS PRECEDENTES E BENTO

Um relampago mais intenso, illumina a scena.

MARQUEZ *(N'um estremecimento nervoso, fechando os olhos.)*

Jesus!

BENTO *(Salta um grito, estaca aterrorisado, fecha os olhos e tapa os ouvidos.)*

Jesus, Maria, José!

CONECO

Estão longe.

BENTO *(Conservando os ouvidos tapados.)*

Descarregou?

CONEGO

Não se ouve.

MARQUEZ

Faltava a trovoada.

BENTO *(Vae amosendar-se n'uma cadeira e com o maior fervor sob a suggestão do medo, murmura.)*

«Minha alma, engrandece ao Senhor. E meu espirito se alegrou em Deus, meu Salva...» *(Alto.)* Como está a sua filha, marquez?

MARQUEZ *(Muito aborrecido.)*

Deixa-me, deixa-me.

BENTO *(Sem se alterar.)*

Pois sim... *(Continúa murmurando a sua prece, com re-*

dobrado fervor) «Tomou debaixo da sua protecção a Israel seu servo, lembrado da sua misericor.. »

SCENA III

OS PRECEDENTES, DOUTOR E CONDESSA

MARQUEZ

Então?

DOUTOR

Não lhe dê cuidado a sua filha.

MARQUEZ

Graças a Deus!

DOUTOR

Uma syncope nervosa, apenas. Está um bocadito fraca; é necessario tonifical'a um pouco e distrail'a. *(Senta-se junto do bufete e emquanto prepara o papel para a receita.)* Muita cautela com a marqueza.

MARQUEZ

Então?

DOUTOR

Muita cautela, muita.

MARQUEZ

Aquelles nervos ..

DOUTOR

E... mais alguma coisa...

MARQUEZ

De cuidado?

DOUTOR

De algum cuidado. E' preciso muita cautela, muita hygiene, uma vida regularissima, e sobretudo evitar-lhe quaesquer commoções.

MARQUEZ

Parace-lhe então molestia d'algum cuidado?

DOUTOR

Vou receitar. *(Escreve.)*

BENTO

O' meu rico amigo. .

CONDESSA

Chist!... *(Breve silencio.)*

DOUTOR *(Indicando á condessa uma receita.)*

Mando vir ferro, para a sua neta. Dê-lhe a competente colherinha ao almoço e ao jantar. Um calice ou meio calice de vinho generoso, bom, ás refeições. E, é preciso passeal-a, distrail-a e afastar-lhe as scismas.

CONDESSA

Não lhe dá cuidado?

DOUTOR

Não. Mande v. ex.ª á botica, e sem demora, uma garrafa de litro, para trazer uma poção de digitalis e d'agua de louro cereja, para a sr.ª marqueza. D'essa poção ministrem a s. ex.ª, uma colher das de sopa, de hora a hora. Volto á noite.

CONDESSA

E mais nada?

DOUTOR

Mais nada

MARQUEZ

Parece-lhe então molestia d'algum cuidado?

DOUTOR *(N'um ligeiro tom de ironia.)*

D'algum cuidado, sim senhor. *(Faz os seus cumprimentos e dirige-se para a porta.)*

D. JOANNA *(Entra quasi em bicos de pés, muito embuçada d'um chale amarello.)*

Estavam á minha espera?

MARQUEZ

E o tio Izidoro?

D. JOANEA

Que é feito d'ellé?

MARQUEZ

Foi procural-a, minha rica senhora!

D. JOANNA

Desencontram'o-nos.

CONEGO

Vou buscal-o.

MARQUEZ

Fique pelo amor de Deus, padre, para que não se repita a deploravel historia da machadinha.

D IZIDORO *(Rabugento)*

Tenho andado doido à tua pegócuga!

D. JOANNA

Valha-te Deus!

MARQUEZ

E a maman? a maman?

CONDESSS

Aqui estou meu querido filho.

CONEGO

Muito bem, muito bem.

MARQUEZ

Emfim! *(Fecha as portas e depois vem sentar-se n'uma cadeira de espaldar, assume um aspecto solemnissimo, passeia o olhar sobre os circumstantes, e com a voz ligeiramente commovida, n'um tom de discurso estudado.)* Meu pae...

D. JOANNA

Tenha paciencia, menino ; está aqui um frio insoportavel, vou buscar outro chale *(Sae. O marquez encolhe os hombros n'uma forçada resignação ; D Izidoro coça impaciente o queixo ; todos se conservam nos seus logares.)* Desculpem : pouco me demorei.

MARQUEZ

Meu pae !....

D. IZIDORO

Santo homem !

CONEGO

E fidalgo ás direitas.

BENTO *(Fóra da scena, batendo á porta.)*

Senhora condessa, vamos á nossa partidinha.

MARQUEZ *(Fulo.)*

Safa-te. Não ha meio ! *(Breve pausa.)* Meu pae, pessoa de muito tino e muito instruido — não é assim tio Izidoro ?

D. IZIDORO

Inst*egui*dissimo !

MARQUEZ

Tinha por habito não resolver questões de monta, antes de consultar seus parentes mais proximos e os velhos amigos d'esta casa.

CONEGO

Muito bem.

MARQUEZ

Tenho adoptado sempre igual systhema — não é assim ?

CONEGO

Muito bem, muito bem.

D. IZIDORO

Assim p*ogu*ecedia teu avô, meu pae .. *(N'outro tom.)* O' p*egui*ma M*agui*a, que falta nos faz aqui o tio Aleixo, pessoa de tão bom conselho !

CONDESSA

E a tia Henriqueta, o primo Bernardo, o dezembargador Lucas...

D. JOANNA

Que saudades! que saudades! Não esqueçam o nosso general Placido, e o tio Aleixo, tão virtuoso, tão prudente!

D. IZIDORO

E muito catu*ga*, coitadinho!

MARQUEZ *(Impacientissimo.)*

Não ha meio! Se continuam a evocar todos os parentes e amigos fallecidos nos ultimos cincoenta annos, será um nunca acabar! E que enguiçadeira!

D. IZIDORO

Tens *g*azão, continua. Que enguiçadei*g*a!

MARQUEZ

Sabem v. ex.as o que se passou: uma sensaboria enorme... enorme! Paciencia!

CONDESSA

Valha-nos Deus!

MARQUEZ

Mas, mamansinha é necessario liquidar este triste negocio' antes que appareça a Rachel.

CONDESSA

Pois sim, pois sim...

MARQUEZ

Ella é muito boa, portou-se muito bem, graças a Deus!... porém, os seus nervos... E, se entra por ahi o tio Alvaro! Jesus!.. Sim... sim... que me cumpre fazer?

CONDESSA

Muita prudencia, meu filho, muita prudencia...

D. JOANNA

Que afflicção! Nossa Senhora nos acuda!

D. IZIDORO *(Solemne.)*

Meu avô antes de delibe*gague* sob*egue* casos *gag*ueves, invocava semp*egue* a hist*oguia*. A hist*oguia* é a mest*eg*a da vida. *(Breve silencio)* Em antigos tempos estas *tegues*tissimas questões, *gu*esolviam-se .. pela espada...

CONDESSA *(Afflictissima.)*

Que loucura! que loucura!

MARQUEZ

Começa a maman a exaltar-se e estamos arranjados.

CONEGO *(Admoestando D. Izidoro, n'um sorriso prudente e erudito.)*

Convérte gladium tuum in locum suum. Omnes enim qui acceperint...

D. IZIDORO *(Petulante.)*

Gladim, gladio, *pegu*ibunt...

CONEGO *(Sorvendo muito serenamente a sua pitada.)*

Justo.

D. IZIDORO *(Impacientando-se com a Condessa que continua inquieta.)*

Se a menina que*gue*, eu callo-me.

MARQUEZ

Deixem fallar o tio Izidoro.

D. IZIDORO

O' senh*oga* socegue. Hoje os tempos são out*eg*os.

CONEGO

Muito bem.

D. JOANNA

Oiçam.

D. IZIDORO *(Sempre solemnissimo.)*

O *ga*paz não me*gu*ecia pe*gu*edão... nem seque*gue* benevolencia; mas julgo fo*gu*eçoso concede*gue*-lh'a em attenção ao avô.

TODOS

Muito bem, muito bem.

D. IZIDORO

Uma pessoa tão *gu*espeitavel como o Alv*ago*! tão nosso amigo!

TODOS

Muito bem.

D. IZIDORO

Deve pa*guetigue* o Jayme, hoje mesmo, no comboio da noite, p*aga* fo*ga* do paiz.

CONDESSA

Convenho.

D. IZIDORO

P*aga* Pa*guiz*, p*aga* Lon*degues*. p*aga* Be*gu*elim... p*aga* e infe*gu*eno...

CONEGO

Se V. Ex.ª me permitte...

MARQUEZ

Pois não?

CONEGO *(Solemne e pausadamente.)*

Obra de mais perfeita caridade christã se me affigura, delongar por oito ou quinze dias a partida...

D. IZIDORO

Não senh*ogue*.

CONEGO

Escute... e durante esse tempo, realisa D. Jayme uns exercicios espirituaes, em alguma casa religiosa...

CONDESSA *(Radiante)*

Advinhou-me o pensamento.

CONEGO *(Saboreando pachorrentamente a sua pitada.)*

Escute, ex.ma senhora. Na egreja de Christo, Senhor Nosso, ha perdão para todos os peccados; mas.... para alcançar perdão é mister um arrependimento sincero. Bastante joven o sr. D. Jayme — e não lhe podemos querer mal por isso — na edade critica em que as paixões mais gritam e menos acode a prudencia... desviado, talvez, da pratica das obras devotas por suggestões de companheiros impios; alvoraçado — possivel é tambem — conturbado, incitado, pela envenenada leitura das novellas esquisitas que fallam ao sabor de todos os ruins apetites da carne e do espirito, o sr. D. Jayme, a meu vêr, peccou... não por congenita malvadez, mas pela ausencia eventual, note-se, da graça, perdida porventura, pelo abandono tambem eventual, segundo julgo, das coisas espirituaes.

CONDESSA

Muito bem.

CONEGO

Valha-nos Deus! E todavia... a culpa é grave, gravissima...

CONDESSA

Coitado ! Nosso Senhor lhe perdoe.

CONEGO

Lá nos ensina Jesus Christo no sermão da montanha : «Tendes ouvido que se disse aos antigos : não adulteras. Eu porém, vos digo : que todo aquelle que pozer os olhos em uma mulher para a cubiçar, já adulterou com ella no seu coração.»—Acrescenta o Divino Mestre : «E se o teu olho direito te escandalisa, arranca-o e lança-o fóra de ti, porque melhor é para ti que se perca um dos teus membros, do que todo o teu corpo seja lançado no inferno.»—Ora pois, ex.mos senhores, vamos medicar o doente.

D. IZIDORO *(Impacientissimo.)*

A ve*gue*dadei*ga* te*ga*peutica é pôl-o d'aqui p*aga* f*oga* quanto antes.

CONDESSA

E a alma?

D. IZIDORO *(Fulo.)*

Que lh'a leve o mafa*guic*o!

CONDESSA

Jesus! Que escrupulo!

CONEGO

Venha cá D. Izidoro, seja mais caridoso.

D. IZIDORO *(Petulantissimo.)*

Que d*igu*eito nos assiste de nos alv*ogagu*emos em d*iguetogu*es esp*igui*tuaes do senh*ogu*e Jayme?

MARQUEZ

Sim... na verdade...

CONDESSA *(Com muita intimativa.)*

Mas, o meu querido filho não comprehende que é quasi um crime, abandonar esse desgraçado, n'uma hora de loucura, antes de lhe insinuarmos um arrependimento sincero, uma rehabilitação... Isso não póde... não deve ser...

CONEGO

Demais, o sr. D. Jayme recebeu uma educação piedosissima...

CONDESSA

Está decidido: parte hoje mesmo para Aveiras; vou escrever já a fr. Caetano.

D. IZIDORO

Que se imp*ogu*eta a menina com a consciencia dos out*egos*?

CONDESSA

Muito, muito. *(Exaltada.)* Eu nunca procurei o bem só para mim, ambiciono-o para todos, para todos, até para os meus inimigos mais crueis. Quem me dera poder arrebanhar toda a gente para o ceu!

MARQUEZ

Pois sim, mamansinha, a maman é uma santinha...

CONDESSA *(Chorando.)*

Não sou, não sou...

D. IZIDORO

Estamos pe*gue*dendo um tempo pe*gue*cioso n'esta este*gui*l discussão.

CONDESSA *(Exaltada.)*

Nada de imprudencias.

D. IZIDORO

A menina é que está impe*gu*dentissima ! Vou-me emb*oga*, isto assim não póde se*gue*.

MARQUEZ

Nós não queremos escandalos.

D. IZIDORO

Está cl*ago*.

MARQUEZ

A mamansinha considera tudo atravez de um prisma muito especial...

CONEGO

Mas é o verdadeiro !

MARQUEZ

Muito pouco pratico.

CONDESSA *(Chorando.)*

Vou para o oratorio, onde talvez lhes preste melhor serviço do que aqui.

MARQUEZ

Venha cá mamansinha, venha cá...

CONDESSA *(Soluçando.)*

Deixem-me, deixem-me. *(Sae.)*

D. JOANNA *(Segue a condessa.)*

Que exaltação, minha filha! *(Sae.)*

SCENA VI

MARQUEZ, CONEGO E D. IZIDORO

MARQUEZ *(Muito contrariado, apertando a cabeça com as mãos crispadas.)*

Jesus! Jesus!

D. IZIDORO *(Após algum silencio.)*

Não é p*ega*tico discut*igu*e com senh*og*as estes assumptos. Não è p*eg*atico...

CONEGO

O que não me parece pratico meu caro D. Izidoro, é sacrificar as indicações da caridade christã a conveniencias mundanaes.

D IZIDORO *(Impaciente.)*

Está bom, está bom.

CONEGO *(Commovido.)*

Disse-lhes meus senhores, o que a religião, a prudencia e a amisade me aconselharam, disse-lhes com inteira franqueza e sinceridade; agora, só me resta, pedir a Deus que afaste maiores tribulações d'esta familia que tanto prezo. *(Faz uma venia e sae.)*

SCENA VII

MARQUEZ E D. IZIDORO

MARQUEZ *(Depois d'alguns momentos de silencio.)*

Então?

D. IZIDORO

Vou es*quevegue* ao Jayme, convencendo-o de que deve p*aguetigue* hoje mesmo p*aga* f*oga* de Lisboa; p*egom*etto-lhe alcanç*ague*-lhe o tal posto diplomatico em Vienna, e mando-lhe algum dinh*eigo* p*aga* a viagem, quando não, não temos nada feito, p*ogue*que elle é pob*egue* como Job.

MARQUEZ

Perfeitamente.

D. IZIDORO

Conc*ogue*das?

MARQUEZ

Perfeitamente.

D. IZIDORO

Vamos então es*quevegue* a epistola p*aga* o teu es*quegui*-t*ogu*io.

SCENA VIII

MARQUEZA E VISCONDESSA

Tem avançado a escuridão. Os relampagos tornam-se mais vividos e frequentes,

MARQUEZA *(Está muito pallida e agitada; respira com bastante difficuldade.)*

Não estou bem em parte alguma.

VISCONDESSA

Coitada!

MARQUEZA *(Deixando-se cahir sobre o sophá, n'uma grande prostração.)*

A vida vae-me fugindo... e o tal mysterio da morte... a morte...

VISCONDESSA

Vem longe.

MARQUEZA

Está a chegar... A morte... infunde-me pavor.. muito pavor.

VISCONDESSA

Mas, não insistas n'essas scismas lugubres.

MARQUEZA

Dava muito dinheiro por um narcotico capaz de me adormecer eternamente, n'um somno muito tranquillo, sem pezadellos! Viver ou morrer .. e não ha que sair d'aqui! Eu não desejo viver nem morrer...

VISCONDESSA

Sempre o impossivel!

MARQUEZA

Porque a minha vida é esta angustia que tu vês, e a morte... além de mysterio sinistro... tem um *caché* de porcaria revoltante. O meu rico e adorado corpo, tão branco, tão bonito, tão cuidado, o meu corpo que eu estimava tanto, servir de pastagem a bichos vis e mal cheirosos, é atroz! E não ha meio de isentar-me de tamanho horror! E' atroz. *(Estremecendo.)* Outro relampago... outro! Fecha as janellas. *(Dominada pelo susto, agarra nervosamente o braço da viscondessa.)* Espera... *(Gritando.)* Tragam luzes! Tragam luzes!

VISCONDESSA

Socega, vou chamar.

MARQUEZA

Não me abandones. *(Gritando, sempre agarrada ao braço da viscondessa.)* Tragam luzes! tragam luzes!... Tenho medo. Ai! ai! *(Após algum silencio, quasi desfallecida, com a voz muito cançada e dolorida.)* Uma illusão assim!... Sempre illudida! Sempre...

UM CRIADO

V. ex.ª chamou?

MARQUEZA

Accende as velas e fecha... *(Um relampago enorme illumina a scena, a marqueza solta um grito.)* Este foi enorme!

VISCONDESSA

Mas, socega...

MARQUEZA

Fecha as janellas, depressa... Escuta... trovões ao longe.

VISCONDESSA

Muito ao longe.

MARQUEZA

Podem aproximar-se. Tenho medo.

VISCONDESSA

Socega...

MARQUEZA *(Muito exaltada)*

Não quero... Quero fallar, berrar... desafogar á minha vontade. Não te importes comigo. *(N'um grande desespero, esbracejando.)* Mas, se não desabafo... estoiro...

VISCONDESSA

Desafoga á tua vontade.

MARQUEZA

Deixa-me. *(Cae n'uma grande prostração, e chorando mansinho.)* Ainda hontem como eu sonhava! Illudida... illudida até ao ultimo momento...

VISCONDESSA

Não admira. Todas nós sonhamos minha Rachel, e, é tão facil presumir realidade um sonho querido. .

MARQUEZA *(N'uma grande angustia, com a voz entrecortada por soluços.)*

«O' minha mãe eu morro... por elle e elle morre por mim!» *(Desata n'um pranto alto.)* Ouvi este grito e ainda vivo! Já não tenho lugar n'este mundo! Para onde devo

fugir? *(Com desespero.)* Ai! que abominavel tortura! Parece-me que trincam o meu pobre coração! *(N'um tom sacudido, impertinente.)* Tu não comprehendes, não sabes, não podes avaliar este inferno! Ai!. . ai!... Não devia, não devia consentir em semelhante casamento — que horror! mas, que horror!... Não é ciume... *(Desvairada, berrando, soluçando.)* Não quero ter ciume da minha querida e adorada filha da minha alma... Não é ciume, entende bem; mas, sacrificios taes... só os anjos aguentam. *(N'um grande abatimento com a voz cançada e muito dolorida.)* Sou uma pobre mulher, muito doente, muito infeliz, muito contrariada...

VISCONDESSA

Coitadinha...

MARQUEZA *(Soluça durante algum tempo, depois limpa as lagrimas e com azedume.)*

Tu não me comprehendes, ainda ninguem me comprehendeu... Deixa-l'o... *(Com muita impertinencia.)* Estás para ahi muda, a olhar para mim toda espavorida!...

VISCONDESSA

O' minha filha tranquilisa-te, socega pelo amor de Deus!

MARQUEZA *(Com muita intimativa, insolente.)*

Olha: quando uma pobre creatura está n'uma agonia como esta e lhe vêem resmungar: socegue, acalme-se, resigne-se, disfarce... e outros dispauterios assim... dá vontade de arrombar a cabeça de encontro a uma esquina. *(Friamente.)* Cala-te, é melhor. Esta asneira de receitar socego, como se fosse uma beberagem que se engole! *(Silencio.)* Continúa a trovejar, hein?

VISCONDESSA

Parece-me que não.

MARQUEZA *(Com serenidade.)*

Que saudades de hontem! que saudade! Um bello dia de sonho; o ultimo dia bom. Foi ha um seculo, parece... tão diverso se me affigura tudo hoje!... A estas mesmas horas minha menina, n'esta mesma sala, promettia-me elle muito

commovido, coitado, revelar-me o tal segredo que eu idealisara segredo da minha ventura... *(Soluçando)* Era o segredo da minha desgraça! *(Muito agitada.)* Da minha desgraça e da minha morte; da minha morte com certeza, por que eu não posso resistir, não posso... Ai! ai! que desgraça! Como a gente de um para outro momento e quando menos suspeita, sente a sua vida despedaçada! *(Soluçando e gemendo, n'um grande abatimento.)* Ai! ai!... ai! que desgraça! *(Limpa as lagrimas e despeitada.)* Elle nem sequer teve dó de mim! Espatifou-me a illusão com uma brutalidade de arrieiro... *(N'um grande impeto de furor.)* Eh!... Rugiu cá dentro do meu peito tamanha raiva!... *(Serenando)* Perdi de todo a trasmontana... Ai! ai!... *(Enraivecida.)* Era uma ancia que eu sentia de o estrangular, de o espesinhar, de o moer, de o humilhar... Pelo desejo que experimentei, comprehendo agora o prazer da crueldade...

VISCONDESSA

Que horror!

MARQUEZA

Perdi de todo a trasmontana e insinuei uma mentira torpe, muito torpe... Veiu-me aos labios como um vomito... Era um pedaço de veneno da minha alma... Desafoguei, então... e agora?... *(Muito exaltada.)* E agora! e agora dize lá... Estou perdida, estou perdida! *(Ouve-se um trovão violento.)* Ai! ai! estou perdida!... Comprometti miseravelmente esse pobre rapaz, tão bom, tão meigo, tão meu amigo, tão dedicado a todos nós, com uma vida sem mancha, cheio de talento, de bondade!... Como hei-de eu reparar?... como posso reparar! Ai! ai! Que agonia! que horror!... *(Desvairada.)* E a minha adorada filha! a minha filha!

VISCONDESSA *(A medo.)*

Talvez... ainda seja possivel...

MARQUEZA *(Atalhando arrebatadamente)*

Que? que? *(Desvairada.)* E, se a minha filha ouviu? se ouviu tudo quanto se disse... Mas, que horror! *(Fatigada, com a voz quasi sumida.)* Não ousei... nem ouso sondal'a...

MARQUEZ

Mas, vê lá se queres alguma coisa.

MARQUEZA *(Luctando com a indecisão.)*

Talvez... sim... preciso fallar comtigo.

MARQUEZ

Estou ás tuas ordens.

MARQUEZA *(Impertinente.)*

Quem deliberou tudo isso?

MARQUEZ

Todos nós.

MARQUEZA

Porque não fui chamada nem ouvida...

MARQUEZ

Receiamos...

MARQUEZA

Preciso entender-me comtigo.

MARQUEZ

Quando quizeres.. já?

MARQUEZA *(Altivamente.)*

Já... E mandaram a carta?

MARQUEZ

Mandei.

MARQUEZA

Elle respondeu?

MARQUEZ

O José Francisco ainda não voltou, mas não espero resposta; a resposta será partir .. senão... *(A marqueza convulsivamente leva as mãos á cabeça, agarra os cabellos e sae da scena chorando alto.)*

SCENA X

MARQUEZ E DEPOIS JOSÈ FRANCISCO

MARQUEZ

Ai ! meu Deus ! meu Deus !

JOSÉ

O sr. D. Jayme não estava em casa.

MARQUEZ

Trouxeste a carta ?

JOSÉ

Entreguei-a ao sr. D. Alvaro para a entregar ao menino.

MARQUEZ

Fizeste muito mal.

JOSÉ

Pois... se eu soubera...

MARQUEZ

Fizeste pessimamente...

JOSÉ

Vou busca-l'a...

MARQUEZ

Peor. Hoje tudo corre torto.

JOSÉ

E ainda a procissão... não chegou á praça...

MARQUEZ

Porquê ?

JOSÉ *(Convencido.)*

Deus não engana, meu senhor ; vamos ter desgosto grande.

MARQUEZ

O' homem não me enguices, que sabes tu ?

JOSÉ

Quando cheguei ha bocadinho, fui á capella; estavam a rezar por causa da trovoada — parecia mesmo castigo do ceu, santo Deus! — ajoelhei-me mesmo ao pé do altar mór *(Com ar de espavorido, de terrificado.)* e... ouvi os gemidos!

MARQUEZ *(Mal impressionado)*

Hein!

JOSÉ

Tal e qual como no dia da morte de seu tio, o sr. principal Lyra, que Deus haja: e n'aquella manhã em que falleceu a tia D. Antonia, e tambem quando morreu o Manuel Antonio e mais o sr. D. Caetaninho...

MARQUEZ

Isso é imaginação; não me enguices mais do que eu estou.

JOSÉ *(Muito convencido)*

Imaginação, senhor! Isso sim! quem dera! Aquillo em se ouvindo n'uma occasião, não esquece mais. E é desgraça certa... Ainda a ultima vez... foi n'aquella noite em que Deus chamou para o ceu, o papá de *voscellencia.* Era tambem noite de trovoada, como agora, estavam s todos na capella a rezar as preces capituladas pelo sr. bispo de Leiria, que tambem Deus haja! — e eu tambem estava ajoelhado ao pé do altar, como ainda agora, e, ao depois, começou a ouvir-se a tal voz, por detraz do altar, a gemer: «ai!... ai! ai! ai!...» Faz mesmo pavor! E o sr capitão Tello que estava a rezar ao pé de mim e tambem ouviu, disse-me logo baixinho: — «O' José, ja ninguem salva o meu conde!» — E logo de madrugada morreu o papá de *voscellencia.*

MARQUEZ

Estás completamente tonto; vae-te.

JOSÉ

Tambem o seu papá me chamava tonto quando eu lhe contava as partidas do Roque de Bellas, e vae uma noite o

nosso senhor conde foi ficar ao palacio de Bellas, do sr. conde de Pombeiro ; e o que se passou não me disse, mas ao depois, quando eu lhe fallava no Roque, já não me chamava tonto ; e disse-me uma vez : — «Olha José eu depois de ter ouvido o Roque, já agora acredito em tudo.»

MARQUEZ *(Enguiçado e impaciente.)*

Deixa-me em paz.

JOSÉ

Estas coisas assim, meu senhor, sempre ouvi dizer, que são signaes que Nosso Senhor manda para avisar os senhores fidalgos da grande nobreza da côrte do reino, como os cá de casa e outros parentes, para terem tempo de se prepararem para a morte, na paz de Christo.

MARQUEZ

Mas, deixa-me em paz

SCENA XI

MARQUEZ E BENTO

BENTO

Está mais socegado, menino? *(O marquez acabrunhado, nervoso, passeia ao longo da scena.)* A sua querida filha está melhor? *(O marquez continúa o seu passeio, sempre silencioso. Bento contempla-o tristemente, encolhe os hombros e suspira.)* Ai! Ai!

SCENA XII

BENTO E DEPOIS MARIA

BENTO *(Bastante preoccupado, caminha lentamente em direcção á porta por onde o marquez saiu. Depois de alguns passos estaca, indeciso, coça a cabeça e desce até meio da scena. Pela mimica parece que está a braços com algum calculo de gravidade. Coça a cabeça com frenesim ; ora se sobresalta e escuta, ora passeia pela scena o olhar velhaco e desconfiado. Ouve passos ; mette a mão na algibeira e aproxima-se do bufete, e, apenas vê entrar Maria, tira da algibeira uma carta, põe-n'a sobre o bufete e sóbe a scena, depois de indicar a missiva a Maria, por um olhar intelligente. Quando alcança a porta F. volta-se para a scena, contempla Maria piedosamente, maneia a cabeça n'uma grande desolação, e sae coçando a nuca com ambas as mãos.)*

SCENA XIII

MARIA E DEPOIS A CONDESSA

MARIA *(Tremula, muito commovida, apodera-se da carta, rasga nervosamente o subscripto, e, durante instantes, lê em silencio ; reflecte-se-lhe na physionomia uma dôr dilacerante, chora, soluça, comprehende-se que diligenceia subjugar o desespero que lhe vae n'alma, e, quando termina a leitura, n'um grande desalento, deixa pender a cabeça sobre o bufete, esconde-a com as mãos e continúa a soluçar mansinho)*

CONDESSA *(Aproxima-se de vagar, contempla Maria com grande magua, e, depois de a haver beijado e affagado com extremos de meiguice.)*

Então, meu amor... é necessario animo.

MARIA *(N'um tom sereno porém firme)*

Não posso continuar a viver nem mais um dia, n'esta casa.

CONDESSA

De quem é essa carta, filha?

MARIA

Do Jayme, minha senhora. Um adeus muito sentido, muito triste... *(Chorando alto)* Ah! meu Deus! quem tal diria! A minha felicidade, o meu socego, o meu futuro... tudo, tudo despedaçado, e para sempre...

CONDESSA

Valha-nos Nossa Senhora!

MARIA *(Limpando as lagrimas e procurando serenar)*

Elle comprehende todo o melindre da nossa situação e resolve-a nobremente... genero.... *(Soluços embargam-lhe a voz.)*

CONDESSA

Minha filha! minha querida Maria!

MARIA

Sae hoje mesmo de Lisboa e espera, dentro em breve, partir para o estrangeiro ..

CONDESSA

Antes assim. *(Silencio)* E agora minha filha, é preciso conformar-se com a vontade de Nosso Senhor. Tanto e tanto padeceu Elle para nos redemir! Não devemos revoltar-nos contra as mortificações que a Providencia nos envia para nossa santificação. A estrada de rosas... não conduz ao ceu... Paciencia!... E a menina *(Beijando-a.)* — ella tem muito juizo, é muito boa — não pense... não póde pensar mais em semelhante casamento, nem em semelhante Jayme...

MARIA *(N'uma subita exaltação.)*

A avó condemna-o!... a avó!...

CONDESSA

Cumpre-me perdoar-lhe, todo o mal...

MARIA *(Muito exaltada.)*

Qual mal nem meio mal...

CONDESSA

Um mal enorme, minha pobre filha! Cumpre me perdoar-lhe, para que Deus perdõe tambem as minhas dividas... e as de todos nós...

MARIA *(Revoltada, energica, parecendo decidida a afoitar-se a um protesto.)*

Oh! minha senhora... *(Suspende-se arrependida e debulhada em lagrimas.)* O' minha rica avó eu enlouqueço! Eu enlouqueço, minha rica avò!

CONDESSA *(Chorando.)*

Anjo da minha alma... não sei valer-te Não se inventava maior supplicio para o meu coração, do que este de me sentir incapaz... completamente incapaz, — Pae do Ceu! — de aliviar os teus pezares. Adorada filha, dava a minha vida, doida de alegria, se podesse assim, poupar-te uma lagrima..

MARIA

E ainda está longe de imaginar quanto eu soffro!... Não existe dôr que se lhe compare! E que fiz eu para merecer isto? que tenho eu feito? *(Chora abundantemente.)* Não, não me quero revoltar. Nosso Senhor é Pae de Misericordia e talvez queira indicar-me por este meio, outro caminho mais seguro, para a salvação...

CONDESSA

Meu amor! minha adorada filha!

MARIA

Não me entendo n'este mundo. *(Com firmeza.)* A minha resolução está tomada...

CONDESSA

Maria!

MARIA *(Reexaltando-se.)*

Até a avó o condemna! A minha avó que tem um coração immaculado, um espirito tão justo, a minha avó que é uma santa, tambem condemna o Jayme!

CONDESSA *(Quasi impaciente, um bocadinho alterada.)*

Pudera não... coitado!...

MARIA *(Tem um impeto violento de revolta, parece decidida a dizer de sua justiça, porém desanima e desata a soluçar.)*

CONDESSA *(Muito commovida.)*

Ah! meu anjo do ceu! bem cedo começaste a provar do calice das amarguras! Seja feita a Vontade Divina... Procure resignar-se, filha; peça a Nossa Senhora, sua madrinha, essa graça — eu lhe rogarei tambem .. Impaciencias e revoltas só aggravam a dôr. Vamos rezar... O' minha rica filha! desista de advinhar miserias que a menina — Deus louvado! — não saberia comprehender. *(Muito enternecida.)* Ella é um anjo, coitadinha... Nosso Senhor ha de conceder-lhe o esquecimento de que tanto carece... *(Maria deixa cahir a cabeça no collo da condessa; esta affaga-a, beija-a ternamente.)* Minha pobre pequena!... animo minha adorada Maria... Ai! meu amor!... meu anjo!... Esta vida mofina passa como um sopro: mal de nós se não houvessemos esperança de melhores venturas, do que essas tão ephemeras e quasi sempre mentidas que ella nos offerece...

MARIA *(Após algum silencio, limpa as lagrimas e bastante abatida, porém, com muita serenidade.)*

Não posso continuar n'esta casa... não posso.

CONDESSA *(Soluçando.)*

Meu Deus! meu Senhor!

SCENA XIV

AS PRECEDENTES, A MARQUEZA E DEPOIS A VISCONDESSA

MARIA *(Dominando a commoção; n'uma attitude respeitosa, mas deixando aperceber que procede em virtude de uma convicção firme)*

Maman... vou pedir-lhe... um grande favor... Deixa-me voltar para o meu convento?

CONDESSA

Mas, pensaste bem no que desejas, filha?

MARIA

Não me entendo com esta balburdia cá de fóra. Ando por aqui, como a pobre avesita que perdeu o ninho e não sabe voar... A minha cabeça é muito fraca, confusa... não tenho animo .. não estou armada para as luctas d'esta vida miseravel... Deixem-me abrigar no meu querido convento... Já não espero nada do mundo... Sinto tamanha ancia de paz! Oiço a voz de Deus ..

MARQUEZA *(Tranzida de angustia)*

Maria!...

MARIA

que me chama para a sua casa. Só ahi poderei encontrar o socego de que tanto careço. Não me prive—por tudo quanto ha lhe peço—da unica ventura que me resta.

CONDESSA *(Tremula, debulhada em lagrimas.)*

E's a minha alegria, a minha vida... que vae ser d'esta pobre velha!

MARIA *(Abraçando a condessa com muita ternura.)*

Rezarei muito por si.

CONDESSA

Não me atrevo a disputar-te a Deus. Seja feita a sua vontade...

MARIA *(Dirigindo-se á marqueza que durante a scena tem-se mantido n'uma imobilidade glacial.)*

Então... consinta, minha senhora. Deixe-me regressar ámanhã ao meu antigo ninho; que saudade do bom tempo que alii passei! E creia maman... *(Muito commovida.)* vou consagrar a minha existencia a Nosso Senhor e rogar-lhe incessantemente, com a maior devoção, com todas as forças da minha alma... que se compadeça muito e muito... *(Soluçando.)* que se compadeça muito da maman. . *(A soluçar dirige-se para a porta e sae precipitadamente; a condessa segue-a.)*

MARQUEZA *(N'um grito dilacerante)*

Maria!... *(Tremula, espavorida, com a voz rouca.)* Ouviu tudo.. causo-lhe horror... *(Lançando-se nos braços da viscondessa que acaba de entrar.)* Ella ouviu tudo. Quer enterrar-se n'um convento; causo-lhe horror... Tem carradas de razão... eu estou perdida para sempre... não lhe posso valer... não sei valer... *(Desata n'um pranto alto.)*

SCENA XV

MARQUEZA, VISCONDESSA, MARQUEZ E DEPOIS D. ALVARO

MARQUEZ

Estás mais incommodada?

MARQUEZA

Estou.

MARQUEZ

Queres que mande chamar o medico?

MARQUEZA *(Limpando as lagrimas, n'um grande abatimento.)*

Não. Deixa-me. *(O marquez, cabisbaixo, preoccupado, dirige-se vagarosamente para a porta F.)*

D. ALVARO *(Tremulo, nervoso, entra arrebatadamente pela porta F; traz na mão uma carta aberta, que apresenta ao marquez)*

Que significa esta carta?

MARQUEZ *(Muito desconcertado)*

Sim... essa carta...

D. ALVARO

Diga-me sem rodeios que lhes fez o meu neto?...

MARQUEZ

Mas, que deploravel sensaboria!...

D. ALVARO

Eu preciso saber, eu quero saber o que se passou...

MARQUEZ

Sim...

D. ALVARO *(Arrebatadamente, arrogante e imponente.)*

E antes de mais nada... *(Arremessando o cheque para cima da meza)* Guarde o seu dinheiro; somos pobres, mas não acceitamos esmolas.

MARQUEZ

O' meu querido tio, ninguem teve intenção de offender v. ex.ª; essa pequena offerta era o meio pratico...

D. ALVARO

De que? Caso mais extraordinario não conheço! Comprehendo uma recusa. Cada um sabe dos seus interesses, e está no pleno direito de escolher para marido de sua filha quem lhe aprouver ..

MARQUEZ

Com certeza...

D. ALVARO

Mas, de uma recusa á insolencia a que se afoitou, vae muitissimo. Acabemos com isto.. Sim, que direito se arrogou

para intimar o meu neto a deixar a sua casa e a sua terra, insinuando-lhe, de mais a mais — isto é pasmoso! — que esconda de mim que lhe tenho servido de pae, os motivos que obrigam a tão bisarro procedimento? Mas, explique-se...

MARQUEZ

Parecia-me melhor, rematarmos esta palestra desagradavel, certificando ao tio Alvaro. . sim . . que em tudo e por tudo... só tivemos intenção de poupar a v. ex.ª a quem muito estimamos e respeitamos, graves dissabores e cruelissimas desillusões...

SCENA XVI

OS PRECEDENTES E A CONDESSA

D. ALVARO

Mas, que mysterios são estes? O rapaz portou-se mal? Quero julga-l'o. *(Muito exaltado.)* Quero provas, quero factos, senão . .

MARQUEZ *(Impertinente.)*

Senão, quê?...

D. ALVARO *(Muito tremulo e exaltado.)*

Esbofeteio os calumniadores.

CONDESSA

O' meu querido mano!

MARQUEZ

V. ex.ª deve-me sempre muita consideração, mas... se alguem tem direito de fallar alto .. sou eu Queriamos poupar-lhe maiores desgostos. O seu neto ..

MARQUEZA *(Medonhamente alterada, com o olhar espavorido, n'um grito afflictivo)*

José!

MARQUEZ

Calcando todos os deveres e todas as conveniencias permittiu-se a infamia...

D. ALVARO

Infamia...

MARQUEZA

José ! José !

MARQUEZ

Sim meu rico tio... Eu nem sei como possa explicar-me... N'uma palavra : mostrou-se menos respeitoso para com minha mulher de quem recebeu sempre as maiores provas de amisade e de sincero interesse...

D. ALVARO

E porquê ?

MARQUEZ

Ora basta. E' demais.

D. ALVARO

Explique-se.

MAEQUEZ

Fez uma declaração de amor á Rachel... Ainda acha pouco ?

D. ALVARO

Mente...

MARQUEZ

Meu tio !...

D. ALVARO

Mente, mente ; o meu neto era incapaz de semelhante vilania... mente.

CONDESSA *(Muito commovida, n'um tom de queixume suave e digno)*

O' mano Alvaro, o meu filho não mente...

D. ALVARO

Minhà senhora ..

CONDESSA

O meu filho não mente, meu querido mano; e, eu tambem —Deus louvado! parece-me que nunca menti.

D. ALVARO

O' meu Deus! eu enlouqueço!

CONDESSA

Desvarios da mocidade... tentações do inimigo, meu pobre mano... Uma grande desgraça que a todos nos fere... uma enorme desgraça! Tenho pensado muito em si. Nosso Senhor lhe dê animo para supportar este horrivel golpe.

D. ALVARO *(Dirigindo-se á marqueza, muito tremulo e commovido, porém, n'uma attitude nobre e respeitosa)*

Minha senhora, peço-lhe perdão do ultrage... Eu saberei desaffrontar a marqueza de Verride...

MARQUEZ *(Muito commovido)*

Meu tio...

MARQUEZA *(Depois de um longo e embaraçoso silencio, durante o qual se lhe manifesta na physionomia, a agonia de uma lucta formidavel, muito a custo e muito tremula, arrastando a voz)*

Eu é que devo... pedir... perdão... *(Ha um momento de assombro.)*

MARQUEZ *(Impaciente)*

Porquê, minha filha?

MARQUEZA *(N'uma grande angustia, respirando com muita difficuldade.)*

Houve... Talvez...

D. ALVARO *(N'uma grande anciedade.)*

amor de Deus falle...